



entrevista com
CLAUDIVAN SANTIAGO

Entrevista com Claudivan Santiago de Araújo, músico, nascido em Tocantinópolis-TO em 17 de março de 1972. Entrevista realizada no Orbis Estúdio, em Vicente Pires-DF, dia 12 de dezembro de 2019. Entrevistadores: Domingos de Salvi, Tati Costa, Sara de Melo e Daniel Choma.

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

[Toca na viola e canta a música “Guerra dos mundos”, de sua autoria]:

O vento bate na porta

A porta sente o pulsar

A gentileza se move

Em direção ao luar

Eis que um ser tão maltrapilho

Parece, ali, implorar

Pra se livrar do castigo

Que tanto lhe faz chorar

A meia-noite é calma como um furacão

A meia-noite revela a alma do meu sertão

Do sertão

Um galho seco, translúcido

À sombra de quem não vê

Revela o mais absurdo

Do que puderam fazer

Vidas jogadas no lixo

Corpos queimados no chão

Da natureza, um cisco

Da sutileza, um não

A meia-noite é calma como um furacão

A meia-noite revela a alma do meu sertão

Do sertão

Do colorido das matas

À sombra em plena raiz

Da fluidez das cascatas

À sequeidão infeliz

Faces cruéis de dois mundos

Dá ao amor a insensatez

Da beleza ao caos profundo

Do tudo o nada se fez

A meia-noite é calma como um furacão

A meia-noite revela a alma do meu sertão

Do sertão

Claudivan: A minha ideia do instrumento é dar uma renovada. Eu falo sempre pras pessoas sobre isso, a gente tem um instrumento que é muito rico. A viola caipira é um instrumento super rico, mas nós estamos no século XXI. Então não adianta... claro, tem pessoas que têm aquela ideia conservadora do puritanismo do instrumento. 'Ah, não pode misturar com contrabaixo, não pode misturar com isso...' Eu sou da linha inversa, eu acho que a gente tem que misturar tudo. Tudo é música. Tudo é instrumento, tudo é musicalidade. Então a ideia do disco foi isso, trazer algo diferente com a cara do século XXI. Embora respeite naturalmente (quem pensa o contrário). Tião Carreiro, quando fez o sucesso na década de 60, 50, 60, cara, ele era a coisa mais nova que havia. Há um tempo atrás, o Almir Sater era a coisa mais nova que havia. Por isso esses caras conquistaram espaço. Então, se a gente pensar: "Ah, não! Vou gravar só como Tião Carreiro gravou na década de 40." Ou como o Tônico e Tinoco gravaram, como o Carreirinho... Zé Carreiro e Carreirinho. Aí fica complicado, a gente não traz nada de novo.

Domingos: Legal, mas é engraçado como a viola vai evoluindo, mas ainda algumas ideias persistem, não é? Por exemplo, você fala a alma do meu sertão?

Claudivan: Sim.

Domingos: Qual é o seu sertão?

Claudivan: Olha o engraçado: a viola pra mim tem um significado muito... eu digo até, a minha concepção do instrumento, da viola, é uma coisa que vai além da materialidade. Pra mim é algo espiritual. Quando eu me deparei com a viola, eu não tive consciência. Durante algum tempo é que eu comecei a adquirir a consciência do que era viola, do que ela representava pra mim e como ela fazia parte da minha vida, desde a (minha) origem. Pra vocês terem uma ideia, eu nasci no interior do Tocantins, num povoadinho muito pequeno que devia ter, sei lá, umas quatrocentas, trezentas casas, talvez. Em 1972, norte de Goiás muito isolado e... fui passar a morar com minha avó paterna logo com quatro meses de idade, porque minha mãe adoeceu, teve que morar no Rio de Janeiro durante quase três

anos. E eu e mais seis irmãos - eu sou o mais novo de seis irmãos - ficamos todos espalhados. Aquela coisa, naquela época minha mãe teve tuberculose, era uma doença terrível. Era como câncer. Até câncer hoje em dia já é mais tranquilo, mas sempre é terrível. Então ficamos todos (espalhados), um foi morar na casa do tio, outro de outro tio, outro na casa de um padrinho. E aí todo mundo! Eu, com quatro meses de idade, fiquei na casa da minha avó. Minha avó paterna, uma pessoa muito bacana que adorava música. Minha avó amava (a música), a paixão dela era dançar. Ela dançava, ela rodava dez, quinze, vinte, trinta quilômetros só pra dançar a noite todinha um forró. A noite todinha, da hora que começava o forró até o dia amanhecer. Isso até com quase 87 anos. Então ela tinha uma alegria de viver muito grande. Ela cantava quando a gente estava na chapada buscando um gado, e eu montado na garupa do burro com ela. E ela falando dessas coisas da vida, sabe? Que ela adorava cantar, que a música era isso. E eu acho que isso ficou impregnado em mim. E meu pai é músico também. Meu pai começou a tocar com dez, doze anos, tocando sanfona. Já tem oitenta e dois e até hoje toca direto em casa. E aí eu, por volta de doze anos, eu até doze, treze, catorze anos nunca tive influência pela música. Acompanhava meu pai, via os forrós, aquelas coisas, assistia as rodas de reisado, aquelas coisas todas, o batuque. A gente tinha aquela roda de lindô, que a gente chama no sertão, dança de roda. Todo tipo, o cara fazendo repente lá com pandeiro, aquelas duplas. Então uma coisa bem caipira mesmo, só que eu não tinha noção disso. E por volta de doze anos um dia minha avó me trouxe uma violinha de presente. Uma violinha de buriti. Que o Tocantins tem a viola de buriti. Buriti não sei se vocês conhecem, aquela palmeira que dá na água, nas beiras d'água. Tem um caroço que a gente lembra escama de peixe. E lá tem muito. E aí lá tem um artesão parente nosso lá chamado Oliveira. E um dia minha avó mandou o Oliveira fazer uma violinha de Buriti. Ela tinha um corpinho mais ou menos isso aqui, ó. Com dois gomos de buriti, tal, um buraquinho no meio. Um quatro cordinhas daquelas de linha de pescar. Fez aquela coisinha assim e eu brincava, batia e tal. Não tinha noção de afinação de nada. E aí eu fui morar com meu pai na cidade, já com treze anos pra estudar numa cidade perto da minha avó. E aí passei a acompanhar meu pai nas festas, tocando baile, forró, festejos e tudo. Campanha política, aquelas coisas. E aí eu comecei a ter vontade de entrar na banda do meu pai. Comecei primeiro com a sanfona, em [19]85, 86. Mas aí eu vi que meu pai não ia largar a sanfona, eu falei: "eu tenho que entrar na banda, então como é que vou entrar na banda?" [Risos] Aí só tinha um baixista e tinha um guitarrista que eram músicos de fora. Aí eu comecei a tocar o violão. Em (19)87 o músico saiu, eu entrei no lugar do guitarrista, já tocando violão. E aí fiz carreira, toquei em banda, aí gravei meu primeiro disco tocando MPB no Tocantins em 2002. Vim pra Brasília em 2003. Casei com uma goiana em 2005. Aí eu comecei a ter mais contato com essa cultura goiana, essa que você vai em Goiás numa festa lá de trinta pessoas tem umas seis duplas. Informais, não é? Junta um ali, o outro já está na segunda (voz), o outro está na primeira. [Risos] É dupla pronta! Impressionante como o Goiás é isso! Como o Goiás é rico! Às vezes você senta numa roda, aí alguém começa a cantar, vem uma mulher e começa a fazer uma segunda. Cara, impressionante! Parece que está na genética deles! Eu acho impressionante! E aí, como eu já vinha há muito tempo cantando na noite, e por eu ter

um timbre de voz, uma extensão de voz limitada, eu não alcanço agudos assim... e nem muito tanto os graves. Aí com uma professora lá do Tocantins, do SESI, eu fui pegar umas aulas (de canto), professora Iracema, ela disse: "Por que, Claudivan, você não trabalha bem um repertório pra noite? Você vai ter que adequar isso! A sua extensão vocal é disso aqui pra isso aqui (faz gestos com a mão mostrando o tamanho da extensão vocal). Então você vai procurar cantores que estão nessa região vocal. E você monta seu repertório com base nisso. Não adianta você cantar Zezé di Camargo, cantar Bruno e Marrone lá em cima! Ou então cantar um gravezão..." Aí eu comecei a seguir essa norma. E aí eu identifiquei alguns timbres bem nessa linha (da minha extensão vocal). Renato Teixeira, que tem um trabalho fantástico... aí comecei a ouvir Almir Sater..., fui lá, comprei uns discos dos caras, tal. E aí foi começando. Quando eu vim pra Brasília, em 2003, eu já estava sentindo necessidade da viola. Porque eu tocava violão, MPB, toquei em banda de axé, com dupla sertaneja, fiz trabalho de MPB. Aí quando eu fui tocar aquelas coisas do Almir, eu tocava já na noite com violão, eu queria fazer aquela música [*Toca trecho na viola*] o violão não dava isso aqui. Aí falei: caramba, que instrumento que faz isso? Como o Almir faz esse negócio? E eu no Goiás! No Tocantins não tem a viola, não é como Goiás que a viola é presente, no entorno de Brasília, interior de Minas [Gerais], tal... São Paulo, que a viola tem em todo canto. Tocantins não tinha. Eu não fui criado com viola caipira. Aí de repente, quando cheguei em Brasília, comecei a ouvir (a viola caipira). Comecei a ver o Roberto Corrêa tocando, o Cacai Nunes. Aí vi o Zé Mulato e Cassiano. Aí vi os violeiros dessa região fazendo as rodas de viola, as Folias de Reis... e aí comecei a ver essa coisa. Falei: "Cara, é isso! O negócio é bom." Aí, em 2005 eu fui lá e comprei uma viola. (Não) Sabia nada de viola. Peguei, mas como eu era músico, tocava violão.... vou aprender viola! Aí comecei como um doido, comprei a viola. Mas eu sempre cito isso que a coisa decisiva pra eu pegar a viola foi um dia em que eu assisti o Renato Andrade. Eu estava em casa. Nessa época eu era solteiro ainda, início de 2005. Eu estava no meu apartamento no sudoeste assistindo (tevé), aí liguei a TV Senado. Quando eu ligo, lá está o Renato Andrade, cara! Tocando lá mais o Serra Grande. Serra Grande violeiro [violonista] dele. Fazendo aquelas coisas [*Exemplifica na viola*] Fazendo cada escaramuça, como a gente fala! [*Risos*] Na viola! Falei: "Cara isso é impossível o cara fazer isso na viola." Aí fiquei louco, digo, vou aprender viola, vou tentar aprender, seguir esse cara. Fui lá, comprei uma violinha Rozini, comecei a estudar. E aí o engraçado é que, olha, eu já tocava violão, que era o meu instrumento, guitarra que é meu instrumento, tocava um pouco de contrabaixo, tocava um pouco de teclado que nas noites de forró, às vezes meu pai cansava na festa e eu pegava, entregava a guitarra pro meu outro irmão, ficava no teclado acompanhando, tocando, solando. Sempre tive essa facilidade. E toda vida gostei da música. Mas, cara, quando encontrei com essa viola pelo amor de Deus, cara, foi uma loucura! Sério mesmo, foi uma coisa...! E aí eu fui estudar viola, fui ouvir os caras, fui ouvir os violeiros tradicionais. E uma coisa me marcou muito quando eu vi um violeiro uma vez num documentário dizendo assim: que a viola, não é o violeiro que escolhe a viola, é a viola que escolhe o violeiro. Engraçado! E os caras falam assim que a viola quando chama parece que ela te prende, assim. E foi assim como eu me senti, eu tinha acabado de casar. A minha

esposa estava grávida, acho que de cinco, seis meses, quando eu comprei essa viola. E ela viu que eu fiquei enlouquecido, que eu chegava do trabalho de noite, uma da manhã e eu ia pra televisão, ligava, botava um pano aqui (debaixo das cordas, abafando o som) pra não incomodar, pra tentar aprender o pagode, pra fazer a mão do pagode, e foi igual doido. Ela ficou louca, quase que acabou o casamento! *[Risos]* Aí foi que eu fui perceber que a viola já vinha na minha origem. Na verdade a viola já estava em mim. Foi como se eu tivesse, através da viola, voltado lá praquela infância que eu tive... Pra essência de tudo que eu era. Então na verdade eu sou um caipira e a viola veio só aflorar essa história toda. *[Risos]*

Domingos: E por que você acha que a viola tem essa força, às vezes ela captura pessoas que não necessariamente têm essa raiz, uma coisa mais rural, de onde vem essa força da viola?

Claudivan: Eu digo pra você que a viola, as pessoas dizem que tem um enigma, é meio enigmática, a viola meio que é uma coisa... Às vezes uns falam: pra você tocar bem tem que fazer um pacto, não é? E, engraçado que assim que eu... acho que foi em 2009, ou 2010. Eu estava um dia à tarde tocando, e eu ficava ouvindo muito vários amigos da viola, vários depoimentos, e os caras contando aquela história e muitos falavam: ó... esse negócio do pacto que as pessoas falam eu já ouço isso, já fui criado ouvindo isso. Que meu pai sempre fala: “Meu filho, tem gente que realmente fala que faz pacto.” Meu pai conheceu um sanfoneiro ali na região de Imperatriz, Grajaú, no Maranhão, sei lá, década de [19]50, não sei. Que meu pai, cara, meu pai é um sanfoneiro de mão cheia. Um dom extraordinário! Meu pai toca coisas complexas demais sem nunca saber nem o que é uma... acho que ele nunca estudou uma escala musical, mas é nato. Tocar chorinhos complicados de Noca do Acordeon, essas coisas mais complexas de pensar. Toca tudo, sabe? Com uma destreza que quando a gente tocava baile faziam roda, várias vezes antes desse forró novo do nordeste estourar, muitos empresários chamaram ele pro nordeste pra tocar, porque gostavam demais, gente rica. Mas meu pai falava que quando ele viu um sanfoneiro lá na região de Grajaú ele falou que nunca tinha visto uma pessoa tocar daquele jeito. Porque o cara, ele falou: “Meu filho, aquele certamente tinha feito um pacto.” Esse sanfoneiro se chamava Guri. E meu pai disse que esse homem era muito desorganizado. Ele tinha uma mulherzinha lá, morava assim desorganizado, não tinha... financeiramente desorganizado. Pobre, bebia muita cachaça. Era assim, andava molambento, sabe? Aí o pessoal contratava ele (pra tocar uma festa), (ele) chegava, sentava numa cadeira, e meu pai disse que ele chegava no salão e pegava... Meu pai disse que viu isso, ouviu. Viu e ouviu várias vezes. Ele passava uma mão na outra assim, puxava os dedos e trrrrrr (som de estalar de dedos) depois passava na outra mão, trrrrr (som de estalar de dedos) estalava assim os dedos. Dali pra frente, meu pai disse que ele se transformava. Meu pai disse que era uma coisa de outro mundo. Você ficava: “O cara não consegue tocar isso pessoalmente, assim, do nada”. Meu pai disse que nunca viu ele ensaiar. E de repente o cara virava um monstro. No interior do maranhão. Só que ele bebia demais. Ele bebia muito. E bebia que meu pai disse que ele fazia as necessidades dele às vezes tocando sanfona, olhava estava todo... sabe, urinava, e às vezes as pessoas tinham

que pegar ele, sair dali arrastado. E aí, quando eu (estava) ouvindo essas coisas, um dia eu estava em casa estudando viola, aí quando eu parei assim aí fiquei, rapaz, pensei comigo: Cara, eu não conseguia fazer os solos do Tião Carreiro com aquelas coisas... [Exemplifica na viola] Eu achava difícil, os dedos duros. Falei: "Meu pai do céu, será que vou ter que fazer um pacto pra tocar essa viola?" Aí eu pensei assim comigo e falei: não, mas eu tenho Deus na minha vida. Deus é maior. Maior do que qualquer coisa. É o Deus que é dono de todos os talentos. Assim, no pouco entendimento que eu tenho de música, pra mim não existe um instrumento mais brasileiro do que a viola. Pra mim esse instrumento aqui pra mim simboliza o Brasil. Se você tiver assim (uma pergunta): qual o instrumento musical que você diria esse aqui é o Brasil? Digo: esse aqui você pode chamar de Brasil. Porque a viola chegou no Brasil em 1549. Eu já pesquisei bastante, não sei se há algum outro registro de algum outro instrumento que tenha vindo lá nas caravelas, mas outro dia inclusive eu fui ler a carta de Pero Vaz de Caminha pra ver se eu tirava essa dúvida. Mas eu não consegui ler até o final que é muito longa, mas até onde eu li não vi relato de instrumento, de nada. Ah, porque alguém tocou uma lira, alguém tocou não sei o quê. Não! Não vi nada. Agora, a viola chegou em 1549. Então a viola tem essa força porque a identidade brasileira foi criada através da viola. Os padres jesuítas foram quem... eles deram a identidade ao brasileiro. Porque não existia brasileiro, existia índio. Eles trouxeram a ideia europeia, trouxeram o pensamento religioso, que o poder da igreja católica era muito grande. Eles então pegaram um índio que era cru na nossa visão e formataram, é como você pegar um HD zerado do computador e programar ali, botar as coisas que você quer. E a viola foi fundamental porque a viola foi utilizada pra isso. Então eles pegaram a viola, utilizaram a viola e começaram (a catequização). E a viola se adaptou que parece que foi feita (sob encomenda), o Brasil foi feito pra ela e ela foi feita pro Brasil. Então, na minha opinião, a viola é algo... essa força pra mim acho que vem disso. Porque ela estava ali, como se diz, no batente. Você imagina que a viola, quando você pensa nos desbravadores que saíram do interior, os caçadores de esmeraldas, o que eles carregavam nas costas? Eram espingardas, facões, tal, tal e muitos uma violinha dentro de um saco de pano. Então imagina, não foi um piano! Não foi um violão europeu! Foi a viola, cara! Isso aqui é Brasil demais! Isso aqui tem uma carga de representatividade, ela tem um poder tão grande que ninguém tira. Então, nós estamos no século XXI falando da viola. A viola é um dos maiores shows das duplas sertanejas de hoje. A viola no concerto, numa juventude hoje que eu vejo às vezes no *youtube*, na internet, molequinho com sete, oito anos tocando, destroçando a viola. Entendeu? E todo mundo pesquisando Tião Carreiro, pesquisando Renato Andrade, pesquisando Carreiro e Carreirinho, aqueles caras lá de longe... Quer dizer, essa origem está sendo cada vez mais buscada e eu acho isso muito importante. Por isso é que a viola pra mim é o instrumento que simboliza o Brasil.

Domingos: Você acha que tem alguma composição que expresse um pouco dessa força do instrumento? Alguma composição sua?

Claudivan: Eu tenho um disco que pra mim foi muito representativo e tem esse simbolismo da viola que foi um disco que eu fiz... o primeiro disco que eu fiz de viola foi em 2008. Eu tinha três anos de estudo de viola [*Risos*], autodidata, sozinho. Mas eu tenho uma coisa comigo que eu tenho uma compulsividade na criação. Eu crio muito. Então, por isso que eu até hoje nunca deixei a música, porque eu não tenho como deixar a música. Se eu deixar a música é como se eu estivesse arrancando metade do Claudivan e jogando pra lá, então eu seria só metade. Eu não consigo viver sem essa música. Embora eu tenha mais investido nela, mas o que ela me traz é prazer. É cabeça boa, é alegria, felicidade. Isso não tem preço. As pessoas falam: "Ah, mas por que você toca?" Cara, eu toco porque é alegria. Era a minha avó, como minha avó dançava, ela não saía. Eu tenho uma tia que depois ficou cuidando dela até quase antes dela falecer. Ela faleceu com 87 anos. Cara, eu acho que até uns 85 [anos], por aí, ela continuava dançando forró. E a minha tia um dia disse: "Mamãe, a senhora tem que largar de dançar, a senhora tem que se tocar que a senhora já é uma idosa!" Ela disse: "Minha filha, enquanto eu puder mexer os pés estou dançando forró." Então assim, por quê? Minha avó era uma pessoa saudável, era uma pessoa alegre, era uma pessoa festiva, era uma pessoa que tinha, sabe, alegria em viver. Então a música pra mim é isso. Então assim, independentemente de ser famoso, de dar dinheiro, a viola pra mim é vida. Ela representa alegria, ela representa uma realização pessoal. É algo pra mim. Uma vez eu vi uma entrevista do Gilberto Gil, acho que num desses jornais, aí, Folha [de São Paulo], não sei. Quando eu li o texto, achei um pensamento arrogante do Gilberto Gil. Porque ele falou: "Olha, quando eu entro no palco, que eu sento, que eu pego meu violão, que eu vou cantar eu esqueço. Pra mim não tem mais ninguém na minha frente. Pra mim não interessa quem esteja na minha frente." Ele falou assim: "Porque ali sou eu, ali estou tocando pra mim, pra satisfazer a minha alma, o meu espírito." Aí quando eu li a matéria, a matéria dava a entender que ele não se interessava, que ele estava, tipo assim, se lixando pra você que está ali na frente. Só que não! Ele falou que não estava preocupado se tinha dez, se tinha vinte, se tinha trinta, um milhão (de pessoas). Ele estava ali tocando pra alimentar a alma dele. Então é isso que faz uma diferença tremenda. Então, eu gravei em 2008 o meu primeiro disco, chama-se "Poesia inviolada." Fiz um disco com uma produção até bacana, legal. Mas não deu resultado, criei muita expectativa... e eu sou jornalista, trabalhando, cuidando de outras coisas, carreira de um deputado, eu não tinha tempo de me dedicar (à música). Aí fiquei bastante desanimado. Aí eu pensei: cara, já gravei dois discos, já peguei empréstimo (pra bancar disco), já quase acabou o casamento, que a minha mulher quase me largou quando eu fiz um empréstimo pra fazer o disco! Primeiro, quando eu comprei a viola, ela (a minha esposa) passou uma semana sem falar comigo. [*Risos*] Aí quando eu fui fazer o segundo disco, eu fui na Caixa, no meu banco, na Caixa Econômica, sem falar com ela, peguei quinze mil reais emprestado. Quando ela soube, meu Deus do céu! Quase me arranca o pescoço! Mas eu fiz o disco e me orgulho bastante que ficou muito bacana. Mas aí a gente espera: ah, vou vender muitos discos. Até hoje eu tenho muitos discos lá em casa. Mas tudo bem eu fiz. Na época ela brigou, falei: cara, você vai construindo, independentemente de qualquer coisa. Vai fazendo, vai fazendo independentemente se traz o resultado que a gente

espera ou não, o importante é fazer. A gente muitas vezes fica: ah, vou fazer isso aqui, o que vou tirar disso? Cara, esquece, meu irmão, faça! Faça! Se for bem, o que vier bem, o que vier vai... aí eu fiquei meio desanimado. Aí eu comprei uma estruturazinha em casa, montei uma plaquinha de áudio, comecei a gravar umas coisinhas no computador, peguei um microfonezinho desses de gravar som bem simples. Aí comecei a fazer umas coisas de instrumental de viola. Quando foi no final de 2012 eu estava com uma porrada de músicas instrumentais prontas, assim, sem nenhuma pretensão. Sem nenhuma pretensão. Na verdade, porque eu não queria mais fazer esse tipo de coisa (investir em disco), porque eu falei: vou jogar dinheiro fora, não vou fazer mais isso. Só que eu queria mostrar pros meus amigos, principalmente do Tocantins e quem me conhecia de longa data, que eu agora era violeiro. Falei: “Cara, eu quero que vocês saibam que estou tocando viola.” Tocava MPB no barzinho, tocava lá [*Cantarola*] *Vou te contar, meus olhos já não podem ver...* O repertório era esse, era Gilberto Gil, entendeu? João Gilberto, Gonzaguinha, Fagner, Zé Ramalho...de repente o cara está tocando Tônico e Tinoco em três notas. Em três acordes! [*Risos*] O cara: “Que é isso, tu tá regredindo, cara?” Porque as pessoas pensam isso. Quando você fala de viola, o cara acha que você toca em três acordes só. “- Viola é pobre demais!” “- Que é isso, irmão?” Viola é uma riqueza extraordinária. Está mais do que provado. E aí eu estava com essas músicas. Chamei um amigo meu, produtor, mora aqui em Brasília... e também do Tocantins, eu falei: “Mas eu quero gravar um disco. Mas, cara, eu não quero mais fazer um disco gastando dinheiro. Eu quero só praticamente registrar, fazer um Cedezinho, entregar para os amigos aí.” Ele falou: “Mas você já tem as músicas?” Digo: “Já.” Ele trabalha com uns estúdios bons em Goiânia, umas parcerias... ele falou: “Cara, tu consegue gravar teu disco em dois dias? Num sábado e num domingo, final de semana?” Falei: “Acho que sim, porque já está tudo pronto. Chega lá, vou fazer as bases de violão, eu mesmo gravo contrabaixo e a gente faz. Aí depois você coloca uma percussãozinha lá, um *padzinho* [pad].” Assim, a gente fez. Eu contratei um estúdio bom em Goiânia, um dos melhores de Goiânia, que é o Cinemix. Ficamos na verdade um dia e meio gravando esse disco. Só eu e ele, de madrugada, rodamos de um dia pro outro, gravando tudo, só música instrumental. E ali, como eu te falei, sem pretensão nenhuma, foi só pra dizer: vou registrar e depois fazer umas copiazinhas e mandar pros amigos, ‘ouve aí!’. Gastei quinhentos reais nesse disco. E aí fiz o disco e ele (o produtor) fez a mixagem pra mim, mais algumas coisas eu gravei em casa, mais um baixo, um detalhezinho...fiz o disco, mixei, mandei masterizar. Fiz um lançamento em abril de 2013. Um belo dia, um amigo aqui de Brasília falou: “Cara, você ficou sabendo? Tem um concurso aí bacana, coloca teu disco lá, tal...” Ele nem me conhecia pessoalmente, que é o amigo Beto Moschkovich. Ele então me mandou o link, eu inscrevi o material e os caras me ligaram: “Você tem que estar em São Paulo dia 17 de junho pra receber o prêmio Rozini.” Um dos melhores CDs instrumentais, são três por categoria. Eu ganhei junto com uma galera do Paraná e o outro acho que um trio, não sei se de São Paulo, uma coisa assim. Falei: “Caramba!” Aí você vê o poder do instrumento, não é? Porque só tinha... eu coloquei acho que duas músicas cantadas. E o resto tudo instrumental. E a música que dá nome a esse disco chama-se “Viola pura viola”, que eu fiz em Pires do Rio (GO) na casa da minha sogra. E

essa música eu gosto sempre de contar pras pessoas entenderem o porquê dessa música. Lá eu fico numa chácara na casa da minha sogra, distante um pouco da cidade. E eu, pra estudar viola, ia pra debaixo das sombras das árvores, na beira de um tanque de peixe. Lá tem um córrego, tem tudo, tem gado... e eu ficava lá final de semana inteiro estudando. E lá no alto, na cidade, passa a estrada de ferro. Então é aquele elemento, a estrada de ferro e todo dia ouvindo o que no Tocantins a gente chama de galinha d'água. Pra cá o pessoal chama de saracura. Que fica cantando na beira do brejo de manhã, tal, à tardinha, aquela coisa. Depois às vezes siriema, aquelas coisas. E aí eu ficava ouvindo aquela coisa. Rapaz, eu não sei por que foi fazendo, de repente fui brincando com a viola, virou uma música. A saracura é isso aqui ó *[Demonstra na viola]*. Ela tem um canto cruzado, uma canta num tom, outra canta no tom e fica dando esses cruzados *[Demonstra na viola]*. Isso é a primeira temática da música. A segunda é o vento que passava ali debaixo das árvores, alguma coisa lenta, uma coisa assim, ó *[Demonstra na viola]*. Aquele vento da tarde. De repente minha sogra chegava com uma tigelinha de pão de queijo, um cafezinho pra mim *[Risos]*. E lá no alto, na cabeça fica essa coisa, como que o artista, isso é interessante. De repente quando eu fui pensar na música depois de pronta eu fui identificar esses elementos. O trem *[Dedilha na viola]* *[Risos]*. Vou tocar ela pra vocês. Chama então “Viola pura viola”. É o disco de 2012, 2013 e ganhou o prêmio Rozini.

[Toca instrumental na viola a música “Viola pura viola”, de sua autoria]

Claudivan: Essa é “Viola pura viola.”

Domingos: Linda, linda. Depois desse prêmio teve algum movimento na sua carreira enquanto violeiro, como que foi?

Claudivan: Olha, depois desse prêmio isso me incentivou bastante, eu passei a ver aquele desânimo que eu tinha tido em 2010, 2011, por aí, depois do disco “Poesia inviolada.” Porque eu tenho uma característica muito diferente de muitos artistas até, porque tem muita gente, muitos amigos, inclusive de música que eu conheço, que fazem a coisa meio descompromissada, sabe? Então eu sou uma pessoa que em todas as coisas que eu faço - pode ser a coisa mais simples do mundo - eu coloco a minha alma naquilo, entendeu? E isso é bom por um lado, que você busca a perfeição, você busca dar o melhor de si. Mas, muitas vezes é meio ruim, porque você se desgasta emocionalmente, não é? Porque muitas vezes você não tem o retorno que você gostaria de ter, financeiro, de reconhecimento, que, claro, não tem um artista nesse mundo que não queira ser reconhecido e receber por isso. E a música no Brasil, a cultura, é uma briga de leão. Mas mudou muito que eu pensei, passou a povoar minha cabeça a ideia de que é possível. Claro que é possível. Por que não é possível? Você fazer uma carreira, você se dedicar à viola, você fazer um trabalho musical, você ser remunerado por isso e reconhecido por isso. E é engraçado que eu sou jornalista, trabalho na Câmara dos Deputados já tem dezesseis anos fazendo assessoria parlamentar. E no final de 2014 aconteceu que eu conheci o Sérgio Reis. Então foi outra coisa também muito doida. Porque eu sou assessor parlamentar e a gente trabalha, você é comissionado, você não é,

não sou concursado da Câmara. Então, a cada final de legislatura você tem que arrumar um novo parlamentar, caçar um novo emprego. Todo mundo precisa. Agora vou trabalhar com um deputado do Paraná... Eu trabalhava com um deputado do Paraná. Eu trabalhei com um deputado do Tocantins. Assessoriei um ex-Senador de Rondônia que virou deputado e até faleceu já. Aí você fica nessa ali dez, vinte, trinta anos. Aí, de repente, o deputado pra quem eu trabalhava não foi reeleito. É da região de Cascavel. E aí você já começa... E agora? Vou pra onde? Aí um belo dia, lendo uma reportagem na internet, vi: o Sérgio Reis foi eleito. Falei: caramba! Aí eu comentei com uma colega de trabalho: "Cara, já imaginou se eu pudesse trabalhar com o Sérgio Reis, hein?" Ela: "Claro, você pode, Claudivan, você é um cara super qualificado pra isso. Vai atrás!" E aí eu fui atrás da informação, falei: "Cara, quem é? Qual partido?" Aí eu fui, não me disseram nada, sabe aquela coisa de gente que fica cercando, fechando as informações, acho que as pessoas ficam meio com ciúme, você chegar até lá. E aí eu consegui uma informação: "Olha, dia 25 de novembro o Sérgio Reis vai estar aqui às dezoito horas pra uma reunião da bancada do partido lá assim, na sala tal." Digo: ótimo, o que eu precisava saber já sei [Risos]. (Me) Preparei, botei o melhor terno, preparei um baita de um currículo, organizei tudo, botei a autoestima lá nas nuvens e corri. E no dia e na hora eu estava lá e fui até ele, me apresentei e falei diretamente pra ele: "Olha, estou aqui, sou fulano de tal, assim, assim jornalista, trabalho..." Fiz um resumo da minha referência e fui diretamente ao ponto. Vim aqui porque eu quero trabalhar com o senhor. Aí ele ficou assim, a princípio a esposa, depois ele. E aí até ele não disse muita coisa. E aí eu falei pra esposa dele que eu também era violeiro. Aí ela disse: "Olha, ele é violeiro." Aí quando eu falei, aí ele olhou pra mim, falou: "Ah, você é violeiro?" Aí eu digo: "É, também." Porque eu não estava lá porque eu sou violeiro, eu estava lá porque eu sou um profissional de comunicação. Então eu não queria que eu fosse trabalhar só porque o cara é violeiro. Aí quando eu falei assim, eu falei: "É, também deputado." Ele falou assim: "É, melhor dois violeiros do que um só!" [Risos]. E aí a partir dali fui contratado de imediato. E fui trabalhar. Cara, foi uma parceria muito boa. Foram quatro anos assim, de amizade. Um espírito generoso. Sérgio Reis é uma figura de outro mundo, como a gente pode dizer! Que não era do mundo político. Ele estava lá de passagem. Mas aí a gente passou a tocar direto. Essa viola, por exemplo, ele disse: "Olha, violeiro, deixa essa viola aqui no gabinete!" Então a viola estava lá todo dia. Chegava o prefeito, a gente tocava moda. E foi assim. Tocamos pra eventos, em reuniões do presidente da Câmara. Tocamos até pro Presidente da República. Então? Tocar pro Presidente da República é uma baita honra, não é? Aí ele me levou pro meio musical. Eu fui participar do Festival da Música, lá em Canela, Rio Grande do Sul. Festa Nacional da Música, aliás. Aí conheci essa turma toda, conheci muita gente do meio: Ivan Lins, Fafá de Belém, Guilherme Arantes, Sá e Guarabira. Rapaz, muita gente. E aí você passa a se ver de uma outra forma. Porque nós, artistas, temos um problema muito sério às vezes que acho que é por conta da questão cultural brasileira. A gente é retraído. As pessoas de fora não botam fé no nosso trabalho, não acreditam que aquilo é possível, é viável, é algo interessante, diferente, bonito. E você meio que incorpora aquilo. "Não, tocar é só pra brincar mesmo. É só um hobby, isso aqui..." Quando eu estava tocando viola, começando a

tocar viola, em 2009, uma vez eu fiz um contato com o Braz da Viola, que é maravilhoso, estudei muito material dele, um mestre, lá de São Paulo, maestro fantástico. E um baita de um luthier. Aí uma vez eu peguei o e-mail dele, fiz uma gravaçãozinha de viola instrumental e mandei. Falei assim: olha professor, isso aqui eu gravei em casa, só brincadeira, só eu aqui brincando na viola. E ele me respondeu: olha caboclo, se você está fazendo isso brincando, imagina no dia em que você levar a sério *[Risos]*! Porque a gente não tem noção às vezes, você faz uma coisa que você não tem noção. E aí, quando eu fiz esse trabalho com o Sérgio Reis, que ele me colocou pra tocar na frente dos caras e tal... E quando eu cheguei lá nessa festa no Rio Grande do Sul era só artista pra todo lado. Aí de repente tinha um standzinho com um som, eu falei: "Olha, estou com a viola no quarto, viola caipira. "- Então vem cá." Um expositor de instrumentos, de violões, tal. "- Não, o som está pronto aqui." Estava junto com o SEBRAE. "- Pode tocar aí!" Eu cheguei, peguei o instrumento, comecei a tocar. Cara, daqui a pouco começou a fechar (de gente) o hall do hotel todinho. Aí vieram um monte de gente. Aí vários, Robson Miguel, que é um baita de um professor, considerado um dos dez melhores violonistas do mundo. Daqui a pouco ele estava na minha frente. Eu tocando na frente do Robson Miguel, um cara que eu via os vídeos dele. E ele lá! *[Risos]*. Falei: "Caramba!" Aí de repente passa o Kiko, do KLB, que também estava lá, um baita artista, fez um baita sucesso. Eu estava tocando "Tristeza do Jeca". E ele parou na minha frente e falou: "Posso cantar com você?" Falei: "Pô, cara, que honra você vir cantar comigo!" Aí ele veio cantar comigo. Então eu falei: "Cara, obrigado, você sabe que pra mim é uma honra, a gente que é um artista pequeno." Olha só como que é a nossa mentalidade! Sou um artista pequeno, iniciando, tal. Ele falou: "Ó, pera aí..." O Kiko, me deu uma aula. Um cara de uma humildade fantástica. Ele falou: "Olha, não existe isso, deixa eu te falar aqui, não existe isso. Existem artistas. Não é porque um é famoso, outro não é famoso, um é rico outro é pobre. Existem artistas. Todos são iguais. Então não existe artista maior e artista menor." Cara, pra mim foi uma aula! E aí isso assim, melhorou muito mais a minha autoestima, e eu vim fazendo, trabalhando..., depois gravei um disco em 2015 pra 2016. Sérgio Reis participou, gravou no meu estúdio. Eu montei um estúdio, ele foi gravar comigo. E aí agora eu estou com um disco novo. Um outro trabalho. Continuo investindo, continuo colocando toda a minha inspiração em favor da viola. Com muitos projetos. Muitos projetos inclusive pra show, pra teatro, pra coisas envolvendo a viola. Porque, como eu te falei, a viola é muito mais do que um instrumento. Eu toco viola muito mais por questão de comprometimento com a cultura brasileira do que por resultado financeiro. Se fosse por resultado financeiro eu não estaria aqui, eu ia fazer um mestrado de comunicação, ia fazer um baita de um concurso no Senado, não sei aonde pra ganhar trinta mil e ficar tranquilo lá. Mas não! Eu tenho um compromisso com isso aqui, porque a viola é algo muito importante, pra mim é muito importante.

Domingos: E Claudivan, como foi sua chegada em Brasília?

Claudivan: A minha chegada foi engraçada. Eu tenho umas coisas na minha vida que eu digo... Eu sou uma pessoa muito, desde que nasci eu fui orientado sempre a ter a questão

espiritual sempre muito forte. O meu avô, pra vocês terem uma ideia, meu avô se chamava Manuel Santiago de Souza, conhecido como Mané Preto. E minha avó Maria Domingas Costa, Mariquinha. Então, Mané Preto e Mariquinha. “Mané Preto e Mariquinha”, que é a música, uma guarânia que eu gravei com a participação do Sérgio Reis. Eu fiz essa música para os meus avós e o Sérgio Reis adorou a música e a gente gravou. Que é a história deles. Meu avô, ele era descendente de escravos. Meu avô nasceu tinha treze anos que a Lei Áurea tinha sido aprovada, assinada. E o bisavô dele veio nos navios negreiros de Moçambique (África). Então, meu avô praticamente foi escravo, porque quando você nasce, em treze anos uma lei não acaba a escravidão da noite para o dia. Quer dizer, demoraram anos. Até hoje a escravidão ainda existe, não é? Imagina nos mil e novecentos e alguma coisa quando meu avô estava adolescente. E o meu avô saiu de casa, no interior do Piauí, com quatorze anos de idade, junto com um irmão de dezesseis. O irmão dele, que era o tio Feliciano, morreu com uns oitenta e poucos, acho que 83 anos. Meu avô morreu com 102 [anos], e nunca mais os dois pisaram na casa dos pais. Então, a linha da história foi rompida. Ele deixou pra lá tudo. Em nossa família não sabemos nada de lá. Nada, nada, nada. Ele tinha um monte de irmãos, tal. E meu avô, como descendente de escravos, ele trouxe aquela questão espiritual dos africanos, das religiões de matriz africana. Meu avô era um rezador de primeira. Meu avô sabia reza do oco do pau. Então era um rezador do sertão. Ele era um médico do sertão. Quando uma mulher estava grávida e ela estava com dificuldade no parto, daqui a pouco chegava um homem na casa da minha avó, a cavalo, louco, com o cavalo suado, dizia: “Olha, seu Mané Preto, vim aqui porque minha esposa está lá, o menino não nasce, tal e tal, e vim aqui pro senhor me ajudar.” Meu avô pegava - minha avó era fiadeira, usava aquelas rodas de fiar e tinha aqueles novelos de algodão e fazia aqueles novelos de cordão - meu avô pegava um cordão daquele e ia prum canto da casa lá e ficava rezando, rezando sozinho, de cabeça baixa. Rezando e fazendo um nozinho lá, e rezando oração, e oração, e oração, e eu lá atrás de curioso olhando aquilo. Aí ele pegava, entregava pra pessoa e orientava: “Olha, chega lá você coloca assim na pessoa, você coloca no pescoço, tá...” E meu avô tinha isso. Então ele sabia (das coisas), às vezes ele comentava com minha avó: “Não, não vai acontecer nada”... “Não, olha, é muito difícil fulana escapar”. Então ele tinha uma espiritualidade muito forte. Eu fui criado vendo essas coisas assim. E aí desde criança tive coisas, manifestações espirituais, desde criança eu vi coisas. Desde criança eu tive revelações. Eu com sete, oito anos tive um sonho que me acompanha até hoje, que em 2005 me veio inconscientemente a interpretação de que foi a história do meu casamento e do nascimento da minha filha. Imagina como que com sete, oito anos você tem um sonho que revela o nascimento da sua filha e que vai acontecer em 2005? Pois eu tive esse sonho que revelou em detalhes, se eu pudesse eu escrevia, desenhava as figuras. E se eu te falar as figuras do meu casamento e quem são, são as mesmas, mesma coisa. Brasília? Nunca passou na minha cabeça morar em Brasília. Saí de Ananás, cidade do interior do Tocantins, fui morar em Araguaína, que na época da criação do estado era a maior cidade. Palmas nem praticamente existia. Eu fui pra lá em 92. Palmas era muito pequenina, era só terra, só mato, poeira. E Araguaína era a maior cidade do estado. E eu fui morar em Araguaína, estudar e o

pensamento era: no dia em que eu terminar a faculdade, no dia seguinte eu pego um ônibus e vou pra Goiânia. (Tinha o) Sonho de morar em Goiânia. Eu tinha uma fissura pra morar em Goiânia. Era a coisa que eu mais queria na vida. Aí eu entrei na comunicação, fui trabalhar na Globo. Fui trabalhar como repórter. Aí eu falei: ótimo, a sede da empresa é em Goiânia. Então no dia que eu terminar (a faculdade) vou falar com o diretor e peço minha transferência para Goiânia. Aí eu fiz assim. E o diretor falou: “Não, mas é difícil, porque não tem a vaga... porque não sei o que mais, tal”. Ou seja, não deu certo. Eu nunca tive nem um convite pra morar Goiânia nem pra conhecer Goiânia. Aí eu fui trabalhar na Prefeitura como assessor de imprensa, lá fiz um trabalho muito grande, entrei nessa área de assessoria política. Aí em 2002, quando eu estava cuidando só de música, tinha abandonado a comunicação, não queria mexer com comunicação, (estava) cantando na noite num barzinho, gravando... de repente eu recebo um convite de um Deputado Federal que hoje é o prefeito de lá reeleito e pode... deve ser o próximo governador. “Quero você trabalhando comigo em Brasília”. Aí você imagina, como eu não conhecia Brasília, eu nunca tinha passado perto de Brasília, não conhecia o Congresso Nacional... eu não trabalhei pra esse cara..., você sabe que no interior é aquela história: quem é do grupo do Domingos é uma coisa, quem é do Zé aqui é outra coisa, então você tem uma... você tem uma sigla na testa. Esse aqui é do partido tal, esse aqui é do grupo do fulano. Então só entra quem é daquele grupo. Eu não fazia parte de grupo de ninguém, não fiz política pra ninguém. Não trabalhei em campanha, não atuei em nada. E de repente o cara chega, fala assim: “Olha, quero saber se você quer ir trabalhar em Brasília comigo?” E eu era solteiro, a princípio eu não queria vir por causa da música, eu não queria mais mexer com comunicação. Mas, como a proposta era muito interessante, sair do interior pra vir pro centro, pra capital federal, pro centro do poder.... falei: “Cara, é uma oportunidade boa de vida.” E eu saí de Araguaína. Coloquei meus poucos pertences, quer dizer, pouco nada que o que eu tinha de caixa... [Risos] de prato, de panela, botei tudo no (Ford) Escort que topava no teto. Igual aquele retirante nordestino... Vim de lá pra cá endividado e nunca tinha passado uma vez por essa estrada aqui de Cavalcante, Alto Paraíso. E, rapaz, eu vim dormir em Palmas, dormi na casa do meu primo, saí cedo, digo: tenho que chegar cedo em Brasília porque eu não conheço essa estrada. Meu amigo... eu sozinho, e aí aquelas serras ali de Alto Paraíso, aquelas regiões ali são terríveis. E eu vim de lá num escortzinho sozinho de noite lá pelas nove, dez da noite, onze horas, sei lá. E aí cai um temporal, meu amigo, que eu não via quase nem cinco metros diante do carro! E eu sozinho. Na hora daquelas subidas mais bravas ali, foi a minha chegada em Brasília, foi assim! Mas graças a Deus, hoje pra mim não tem lugar melhor, não tenho vontade mais de sair de Brasília pra nada. São Paulo não me chama atenção. Rio, Tocantins eu não tenho vontade de voltar, embora goste muito do meu estado. Palmas hoje é uma cidade belíssima, super bem urbanizada, super organizada. Mas Brasília... eu não sei, eu tenho algo com Brasília que eu cheguei aqui [Risos] casei com uma goiana de Pires do Rio, que veio de Goiânia, ela fez mais ou menos a mesma história, saiu do interior foi pra Goiânia, formou veio pra Brasília. A gente se encontrou aqui, no segundo ano que eu estava aqui. Encontrou e é aquela coisa, pá! Casou! Meus filhos já nasceram aqui, meu filho já tem 14 anos, o outro

tem doze. Cara, Brasília é tudo pra mim. Sou fã demais de Brasília. A aura de Brasília é interessante. As oportunidades de Brasília. Essa energia cultural que a gente tem aqui. E isso impactou muito na minha música, sabe? Assim, essa influência. A oportunidade que eu tive de ter o Roberto Corrêa, por exemplo, que é um amigão. Um cara super bacana que foi meu professor. Marcos Mesquita também que foi (meu professor) antes do Roberto. Marcos que foi meu primeiro orientador, algumas aulas, ainda cheguei a pegar umas duas aulas com o Cacai Nunes. E teve uma figura que foi fundamental na minha viola que é o seu João Aden. Rapaz, seu João é uma figura. Quando eu comecei a tocar viola me falaram desse homem, eu fui em Taguatinga, ele fez uma violinha até hoje está em casa. Essa viola eu não vendo por nada, é uma viola branquinha feita de caxeta. Feita pelo seu João Aden, cara, mas é maravilhosa. Teve amigos meus que falaram: “Cara, no dia que você for vender essa viola você me dá preferência.” Eu falo: “Essa eu não vendo por nada.” Mas ele foi um cara que me incentivou demais. Quando ele me viu tocar uma vez, eu cheguei lá nunca nem tinha tocado, estava começando, em 2007, mais ou menos uns dois três anos de viola. Um dia eu estava tocando a violinha lá, no ateliê dele em Taguatinga, junto com o Alexandre, tal. E aí brincando, aí ele falou assim: “Olha, meu filho, deixa eu te falar uma coisa: se você continuar nesse ritmo aí não te dou dez anos pra você ser um dos melhores violeiros do Brasil.” Aí eu digo: “Que é isso seu João?” “- Estou te falando. Eu conheço de violeiro. Você tem o dom.” Aí eu fiquei com aquele negócio na cabeça, falei: cara, seu João é um cara que incentiva muito, incentivo bacana, uma pessoa de simplicidade, muito autêntico. O que eu gosto muito da viola, o que mais me chama na viola, que eu digo pras pessoas hoje: ser violeiro não é uma questão de... Ah, é uma profissão! Pra mim é um estilo de vida. É uma referência, sabe? A viola tem a ver com autenticidade, e eu procuro ser muito autêntico na minha vida. Ser verdadeiro, sabe? Ser amigo das pessoas. Se preocupar com as pessoas, sabe? Valorizar o ser humano. Então, assim, quem é violeiro de fato, cara, quase todos, tem exceções naturalmente, mas quase todos têm esse lado, o lado humano. A viola acho que ela é uma coisa, como se fosse uma grande mãe que te aconchega, que te abraça, que te acalenta, sabe? Então a viola pra mim tem essa profundidade, tem essa vertente espiritual que vai muito além, sabe? Eu digo pras pessoas sempre isso: eu sou tão apaixonado com a música que se Deus chegasse pra mim hoje falando: olha Claudivan, vou te dar quinze dias de vida o que você quer fazer? Digo: me libere de tudo, ficar em casa com a minha família só viola daqui pra lá! *[Risos]* entendeu? Porque eu gosto demais, cara. Gosto muito de viola! *[Dedilha a viola]*

Domingos: Claudivan, você falou que fez uma música pros seus avós, ela é na viola ou não?

Claudivan: Na viola.

Domingos: Você pode tocar pra gente?

Claudivan: Posso! Essa música eu na verdade comecei a fazer essa música em Rio abaixo [afinação de viola]. Ela foi feita em Rio abaixo, vou ver se eu consigo. *[Dedilha a viola]* Essa é uma música que tem um significado muito grande porque a minha avó e meu avô eles foram

tudo, a minha referência. Meu avô, por exemplo, a poesia eu herdei do meu avô. Meu avô gostava, e meu avô era um cara que nunca teve um dia de aula e era um intelectual. Ele lia tudo. Conhecía tudo de geografia do mundo, de história do mundo, história de guerra, história de países, tudo, ele tinha uma memória prodigiosa. E a minha avó tinha essa alegria da música, do cantar, de tudo. Então eles foram a minha referência. Em tudo que eu fiz na vida esses dois estão presentes. É a base, sabe? É o piso ali. E aí, no ano em que meu avô fez cem anos, a gente estava programando pra fazer uma grande festa da família. Eles viram até tataraneto, tiveram doze filhos. Então uma grande família, dos doze, três morreram ainda pequenos, nove se criaram. Depois dos nove filhos, criaram mais seis netos. Eu sou o penúltimo dos seis netos. E era o xodó da minha avó e do meu avô. Da minha avó mais ainda, meu apego com ela era maior ainda. E aí eu passei todos esses momentos com eles porque no ano em que a gente faria a festa do meu avô, de cem anos, a minha avó morreu. Então foi um baque, meu amigo, foi um baque terrível. E eu cheguei a fazer inclusive até uma música que chama “Casa de Mariquinha”, que inclusive tem um vídeo na internet que eu fiz sentado ao lado do túmulo dela. Ela tinha acabado de ser enterrada, estava lá, e eu fiz essa música. Eu não consigo nem cantar aquela música. Quem gravou foi meus primos, eu tenho uma dupla lá de Palmas que são meus primos e eles gravaram a música. Aí depois em Brasília eu fiz essa música. Que fala: *felicidade é uma coisa passageira, que em algum momento todo mundo vai sentir, não adianta se zangar, não é preciso insistir, vem a saudade e sempre ocupa o seu lugar*. Quer dizer, a saudade em algum momento sempre vai ocupar o lugar da felicidade, a felicidade é momentânea, agora a saudade muitas vezes é eterna. Vou ver se eu canto ela aqui. *[Dedilha a viola]* Deixa eu mudar essa afinação aqui que vai ficar melhor...

[Toca viola e canta a música “Mané Preto e Mariquinha”, de sua autoria:]

Felicidade é uma coisa passageira

Que em algum momento todo mundo vai sentir

Não adianta se zangar

Não é preciso insistir

Vem a saudade e sempre ocupa o seu lugar

Esse é o dilema de quem é apaixonado

Esse é o destino de quem vive um grande amor

Não adianta se zangar

Não é preciso insistir

Vem a saudade e sempre ocupa o seu lugar

Felicidade

Felicidade

Felicidade

Estou aqui

Felicidade

Felicidade

Felicidade

Volta pra mim

Isto se deu com Mané Preto e Mariquinha

Apixonados, se entregaram à emoção

Mas Mariquinha então morreu, e Mané Preto entristeceu

Veio a saudade e fez sangrar seu coração

Felicidade

Felicidade

Felicidade

Estou aqui

Felicidade

Felicidade

Felicidade

Volta pra mim

Claudivan: Essa música, quando eu falo da questão: *mas Mané Preto entristeceu, veio a saudade e fez sangrar seu coração*. É uma passagem bem difícil porque a gente tinha enterrado a minha avó num cemitério da família. A gente tem um cemiteriozinho lá, mais ou menos uns quinhentos metros, acho que uns mil metros talvez da casa. Estão enterrados tios, primos, familiares, amigos próximos, mais antigos. Coisinha bem simplesinha, só uma clareirazinha assim. E havia muitos anos que a gente não enterrava ninguém lá. E aí de repente enterramos a minha avó. E aí quando a gente volta de lá meu avô já estava bem velhinho, foi no ano em que ele ia fazer cem anos. E aí a gente voltou segurando ele assim, e

ele estava muito, muito transtornado. E aí, quando chegou no quarto, ele sentou na cama... eu lembro que eu fiz essa foto. Eu tenho uma parente minha, um prima minha no Tocantins, que fez um quadro dessa foto. E ele estava numa camisa amarela e eu peguei e fotografei. Rapaz, é a própria imagem do desespero, sabe? Aquele sangramento assim, parece que ele estava com a alma sangrada. Imagine, ele conheceu minha avó ela tinha acho que doze, treze anos. Casaram, viveram setenta anos de casados. *[Sorri]* Não é? Setenta anos, do dia que casaram até o dia da morte. É muito, não é? Uma coisa muito difícil de você imaginar. Então é uma ruptura muito grande. Por isso a música fala: *fez sangrar seu coração*. Estava com a alma sangrada.

Domingos: Bela homenagem, ficou linda. E como você vê a presença da viola no Distrito Federal, Claudivan?

Claudivan: O Distrito Federal é interessante porque a gente... quando você pesquisa, quando você estuda mais as origens da viola caipira e você vê que ela vem ao longo do tempo evoluindo, vem sendo... Na verdade eu vou usar aqui uma imagem. A viola ao longo dos séculos de história do Brasil, ela continua sendo carregada nas costas. Naquele saco como os bandeirantes fizeram, sabe? Por que a viola ela é carregada no saco, porque era muito simples, ela é levezinha, você bota aqui, amarra um saco aqui, pendura, bota a viola num saco. Até a pessoa fala: bota a viola no saco e vai embora. Então eles fizeram isso e trouxeram a viola pro planalto central, pra Goiás. Goiás é uma região fantástica. Mas Brasília tem uma coisa muito especial porque Brasília a gente... quando você pensa em Brasília, você pensa numa colcha de retalhos, não é? Porque Brasília é uma colcha de retalhos. Então você tem gente de todas as origens. Inclusive de outros países aqui. Por isso que eu digo que Brasília é uma cidade fabulosa. Porque aqui você encontra o francês, o espanhol, você encontra o africano. Outro dia eu fui tocar numa festinha simples, dumas senhoras, um chá da tarde maravilhoso, uma experiência fantástica. Aí, de repente, tinha uma mulher que ela era acho que não sei se embaixatriz do Congo. Falei: "Caramba! Olha só como é legal isso, essa coisa..." Então a viola, em Brasília, ela se aclimatou de tal forma, ela criou uma identidade própria, e eu reputo essa identidade muito a esses violeiros dessa região. Aqui da região de Formosa, que era muito forte. Mas isso foi aperfeiçoado, talvez criada uma identidade diferente por meio da Escola de Música [de Brasília]. Porque a gente já tinha, como a gente tem no interior de Minas [Gerais], interior do Paraná, interior sobretudo de São Paulo e Minas, aquela coisa, aquela viola tradicional, aquela viola que é mais característica das modas, aquela coisa antiga das duplas. Aí de repente você vem pra Escola de Música e você vê Roberto Corrêa tocando [*Toca trecho instrumental na viola da música Parecença, de autoria de Roberto Corrêa*] uma coisa clássica. Quer dizer, é outra viola. Só que é a mesma viola. Então o professor Roberto Corrêa pra mim é uma baita de uma referência, cara! Além de um amigo. Eu tenho certeza que o Roberto tem uma contribuição pra viola muito, muito grande, muito especial, muito profunda. Porque até então, antes de vir do Tocantins, eu já ouvia falar no Roberto Corrêa. E acho que eu que tive oportunidade de estar ali com ele, trocando ideias e ouvindo as dicas do instrumento, a simplicidade... às

vezes coisas simples que ele faz que você faz na viola [*Demonstra na viola*]. Uma coisa simples, só que ele parou, ele pensou e ele passou isso, ele ressignificou a viola. Que é: antes você tinha aquela questão da oralidade, e de repente você tem algo que você pega um livro aqui e você vai estudar e você, com a teoria você, começa a reproduzir isso. Então, esse estudo sistematizado da viola como a gente já tem hoje - e o Roberto é um dos pioneiros - a gente tem na Escola de Música também outros professores. Isso pra mim é o que determina a questão da identidade cultural da viola em Brasília. Porque você tem o Zé Mulato e Cassiano com aquela pegada caipira, você tem outros violeiros muito bons por aí. E você tem o tradicional e de repente você traz um clássico. Traz o Roberto tocando uma viola extremamente clássica. Totalmente erudita. Aí você diz, como pode isso? É o mesmo instrumento, só que elevado a um outro grau, a um outro patamar. Aí você vai dizer: “Ah, Claudivan, então quer dizer que a viola do Roberto Corrêa ela está num nível acima?” Não, não! Ela está num outro patamar de importância. Digo de importância cultural no contexto nacional. Ela não é melhor do que a do Tião, não. Todo artista, como disse aquele amigo lá do Rio Grande do Sul, é tudo igual. Eu fico fã, apaixonado quando eu vejo um violeiro tradicional. Às vezes assisto um vídeo na internet de um violeiro tradicional de Minas que você vê que o cara não sabe nada da chamada cultura, de ler, de escrever, tal e tal. E o cara toca uma viola com uma alma, como Zé Coco do Riachão e tantos outros. Toca uma coisa assim que você diz: “Meu Deus do céu!” É um instrumento que tem uma alma. Agora, você ter um estudo hoje, você ter isso catalogado, você ter isso registrado e de uma forma tão bem feita como o Roberto, como outros professores fazem, Ivan Vilela, o próprio Braz da Viola. O [Paulo] Freire lá de São Paulo também faz um trabalho fantástico. Então a viola passou a ter outra significação. Uma viola que não se resume mais àquela coisa antiga. Porque a viola ao longo da história sempre procuraram taxá-la de coisa de caipira. Um instrumentozinho menor, tal... Quando a corte portuguesa chegou, agora é o piano, agora é o cravo, agora é o violão francês, o violão clássico. Aí a violinha foi... Mas a viola está lá! [*Risos*] Resistindo. Existindo, resistindo e marcando presença e sendo marcante, porque a gente cada vez mais está vendo uma juventude renovando a viola. A forma de tocar, a forma de cantar, entendeu? E na viola o Distrito Federal hoje está nesse contexto de renovação. A importância do Distrito Federal nesse contexto é muito grande. Na renovação da viola numa forma de tocar, numa forma de estudar, entendeu? É muito importante. Muito bacana!

Domingos: Claudivan você é caipira?

Claudivan: Totalmente! Aquilo que te falei: o que é ser caipira? Às vezes a pessoa acha que caipira é quem nasceu na roça. Eu digo que sou caipira porque eu nasci na roça. As pessoas às vezes: “Ah, mas você com essa mão lisinha aí você nunca pegou num machado.” Coitado! Eu fui criado, como se diz, capinando mato com facão. A gente, no Tocantins, a gente chama de facão chacho, que é aquele facão de aba larga assim pra você cortar moita. Plantando arroz na máquina que a gente chama de matraca: trac-trac-trac. Colhendo arroz no cacho... minha avó ensinou a gente, meus pais e meus avós ensinaram a gente desde criança. Não tinha, menino pequenininho, desse tamanhinho aqui, com três anos estava trabalhando,

não tinha esse negócio (de ficar em casa). A gente não tinha água encanada e não tem até hoje lá. O ribeirãozinho lá, uma nascentezinha de água lá embaixo, debaixo da ribanceira. Ninguém, quando a gente ia pra fonte tomar banho, lavar roupa, tal, criança nenhuma podia voltar... Minha avó dizia: “Ninguém vai voltar com a mão abanando!” Então, se eu não podia... a gente tinha as cabaças, aquelas cabacinhas, outro levava um balde, outro levava uma lata grande. Mas todo mundo tinha que trazer seu quinhãozinho. Quando vinha da roça, um trazia um lastro de lenha, que a gente chama, um pedaço de... Quando os grandes não podiam, trazia maneirinho, uns gravetinhos, botava nas costas da criança... Então a gente foi criado trabalhando na roça. Duro mesmo. Queimando, encoivarando, plantando, sabe? Na época de plantio de mandioca, juntava a turma toda. Meu pai ia na frente abrindo as covas com a enxada, o outro vinha com a vasilha com as ‘maniva’, que a gente chama, cortava, jogando, e a criançada vinha atrás só tapando as covas. Então todo mundo trabalhava. Eu fui - sou caipira pela essência - criado na roça a vida toda. Eu até digo que eu saí da roça mas a roça não saiu de mim! *[Risos]* E acho ótimo isso. É uma coisa que me engrandece muito. Eu não tenho sonhos de consumo. Nem um pingo. Às vezes a pessoa falou assim: “Ah, mas por que você não foi ainda conhecer a Disney?” “-Pô, você devia passar uma temporada não sei aonde!” Eu falei: “Cara, o meu sonho de consumo é conhecer o Brasil.” Sabe? A gente tem tanta riqueza, o Brasil tem tanta coisa pra ver. Engraçado que a gente está aqui louco pra ver e os gringos estão aqui doidos pra ver o Brasil. Os caras vêm da Inglaterra, vêm da Holanda, do Canadá pra passar, dormir um dia aqui no Alto Paraíso. E a gente está aqui e não vai lá ver uma cachoeira. Eu penso assim: por que eu gosto da viola? É isso, valorizar o Brasil, cara! Valorizar aquilo que é da gente. A viola é um instrumento fantástico. Na Europa as pessoas amam concerto de viola, entendeu? E muitas vezes aqui as pessoas olham meio... Porque a gente tem, um pouco desse espírito de vira lata, de ficar observando, endeusando as coisas alheias enquanto você tem tanta coisa riquíssima. Não estou dizendo que a gente deva criar barreira, não conhecer. Não! Acho ótimo (conhecer outros lugares). Se eu puder viajar, no dia que eu puder, ótimo! Tenho a maior vontade de conhecer Roma, conhecer a Grécia, os países da Europa, Ásia. Se eu pudesse, rodava o mundo todo. Mas primeiramente tenho que conhecer o Brasil, cara, não conheço nada. O Pantanal é maravilhoso, não conheço; Amazônia, não conheço. Conheço um pouco da região da Amazônica, a região do Pará ali, mas lá pra baixo, o Rio Negro, aquelas coisas fantásticas, lindas, que não há em lugar nenhum no mundo e a gente... Então eu sou um caipira, eu sou brasileiro, eu sou um jeca tatu. Minha vontade é ficar aqui! *[Risos]* A gente passa um momento de dificuldade, como a gente tem passado ultimamente, aí eu vejo as pessoas... Minha esposa fala: “Nossa, se a gente pudesse de repente morar em Portugal!” Falei: “Cara, eu não!” Meu país é esse aqui. Nasci aqui, eu amo meu país, eu amo minha cultura, amo o que eu faço, entendeu? As minhas raízes estão aqui. Pra mim isso é muito importante. Valorizo muito. Então ser caipira é aquilo que eu falei, é ser autêntico, é gostar, ter orgulho da sua raiz, entendeu? O verdadeiro caipira ele não se envergonha de receber na casa dele uma pessoa, nem que seja num banquinho. Chega um granfino na casa de uma senhorinha pobrezinha, que ela tem só um potezinho lá tal e tal. “Ô, fulano de tal, senta

aqui, vou fazer um cafezinho pra você.” Vou contar uma história pra vocês. Trabalhando com o Sérgio Reis... o Sérgio Reis é um cara muito, extremamente humilde, extremamente simples. Ele saiu daqui pra fazer um show em Paracatu. E inclusive fui fazer esse show com ele. Era um show beneficente pro Hospital do Câncer de Barretos. Ele veio de São Paulo e eu fui daqui com uns amigos de carro. E lá tinha um rapaz que tinha ido buscá-lo no aeroporto. Ele veio num avião do próprio hospital, do dono do hospital (Henrique Prata). E aí ele foi de lá (do aeroporto) pro hotel. Na saída... isso era época de campanha eleitoral de prefeito. E aí, quando esse rapaz chegou no aeroporto, entraram na caminhonete, aí o cara falou: “Olha, deputado, o prefeito fulano de tal está com uma turma lá na churrascaria e convidou o senhor. O senhor é um convidado especial pra esse almoço lá.” Aí ele disse: “Tá bom.” Ficou ouvindo. Aí na estrada o cara lembrou: “Deputado, mas deixa eu lhe contar uma história. Rapaz, tem uma senhorinha aqui que tem um sítio na beira da estrada. Ela tem um plantio de café, cria umas galinhas. Essa senhora ia morrer se visse o senhor. Ela é tão apaixonada, toda vida que eu falo com ela, ela só fala nesse Sérgio Reis. Se ela visse o senhor, ia morrer.” Aí ele falou assim: “É muito longe daqui?” Ele disse: “Não, é aqui na beira da estrada.” “- Então toca o carro pra lá.” [Risos] Aí o cara (foi) direto, imagina? A mulher está lá, não sabe, nem tem acesso, nem imagina na vida um dia dela – está lá com setenta [anos]. O cara que foi levar lá, o Reginaldo falou assim: “Deputado, o senhor vai matar a velhinha hoje. O senhor vai matar a velhinha do coração!” E aí foram pra lá. Quando chegaram lá a velhinha quase deu um piripaque. E ele (Sérgio Reis) chegou na hora do almoço, e disse: “Ó véia”...ele gosta de chamar ela de véia... “Ó véia, eu vim aqui almoçar com a senhora!” E ela disse: “Mas Sérgio Reis, eu não tenho almoço pro senhor.” “- Não, o que a senhora tem aí?” “- Não, eu tenho uma leitoinha aqui, posso fazer uma leitoinha frita aqui, passo um café.” Rapaz, ele me contou, ele falou assim: “Violeiro, (foi) um dos melhores almoços da minha vida, cara!” Então isso é a simplicidade, entendeu? É como a pessoa... o sertanejo, o caipira, a pessoa, ela te recebe com um café, mas parece que ela te abraça com aquele café. Entendeu? Isso pra mim é a essência do que é ser caipira de verdade.

Domingos: E o caipira do futuro?

Claudivan: O caipira do futuro é uma boa pergunta. Eu nunca tinha parado pra pensar nisso. Porque a gente vive... eu sou jornalista e estudo muito sobre comunicação, sobre a evolução da comunicação. Inclusive agora eu estou desenvolvendo um projeto de palestras de comunicação e aqui em primeira mão, contar pra vocês, que o meu próximo desafio é montar um show unindo comunicação e viola. Só a viola e o violeiro no palco e um trabalho de comunicação envolvendo isso, algo cultural. Já tenho algumas coisas rascunhadas, vai ser nessa linha. Mas a questão do violeiro do futuro é uma pergunta muito oportuna e muito complexa de se responder, por que a gente vive num processo tão avassalador de modernização da comunicação que é praticamente impossível a gente pensar o que vai ser a mídia dominante daqui a seis meses. Porque o mundo entrou numa corrida - talvez até mortal, não sei -, mas uma loucura total porque a comunicação, se você for analisar, eu tenho dito sempre pros meus amigos, eu gosto muito de filosofar e eu tenho essa tese

comigo: pra mim a arma mais letal que existe no mundo, a maior arma de guerra que existe no mundo se chama comunicação. Outro dia, há uns dois anos atrás, no Rio de Janeiro, pegaram uma senhora e arrastaram ela no carro e mataram simplesmente porque alguém colocou nas redes sociais que ela era uma pessoa que tinha supostamente roubado uma criança não sei de onde, ela era a raptora. Quer dizer, cara, é muito complicado! A comunicação destrói reputações, a comunicação... você passa a odiar uma pessoa só pela comunicação. Pela campanha que se faz, as *fake news*. Então você às vezes tem uma ideia dos países do oriente médio como se lá só existisse homem-bomba, não é? Isso é a comunicação que chega até nós. Uma vez um amigo meu que é engenheiro, trabalhou numa grande multinacional, me falou: "Claudivan, eu passei um tempo no Irã. O Irã não é nada do que as pessoas falam de lá. Uma cidade super organizada, você não vê lixo na rua, você não vê gente infringindo (as leis do) trânsito. Existe uma regra muito rígida e muito obedecida que a cidade funciona tudo muito bem." E a gente recebe, nós aqui no Ocidente, a gente recebe uma comunicação de que lá os caras estão preparando a bomba, daqui a pouco vão destruir, que eles são os terroristas do mundo. Então, pensar como vai ser o caipira do futuro é complicado porque a gente vive num processo de destruição de raízes, de referências. As referências todas estão sendo perdidas. Você vai lá pro interior do interior do interior do Brasil, quando chega lá o cara está vivendo numa realidade de rede social, de mídia social, quer dizer... Entendeu? Aquelas coisas que eram originárias, que eram tradicionais muitas vezes as pessoas... se perderam. Por isso que eu acho que o nosso trabalho, o seu trabalho, o meu trabalho e de outras pessoas aí com a viola é muito importante justamente por isso, porque a gente precisa passar a frente. Eu imagino que a nossa vida é como... Eu penso essa vida como uma corrida de obstáculos. Não tem aquelas corridas de olimpíadas? Só que em equipe. Então começa uma equipe dispara não sei quantos metros, chega lá, pá, passa o bastão e a outra dispara. Quer dizer, aquela turma pra trás já esqueceu, ninguém fala mais, ficou. Então a gente tem que pensar isso. Você vai falar: Tião Carreiro. Tião Carreiro, pô, já foi, passou o bastão pra frente. Veio o Almir [Sater]. O Almir também já está com sessenta anos, daqui um tempo... Quem é que vai ficar no lugar do Almir? Quem é que vai dar sequência ao trabalho do Renato Andrade? Tem um menino em Goiânia que é discípulo dele faz um trabalho fantástico, inclusive ganhou a viola dele, que é o Marcus Biancardini. É fantástico, tem um trabalho muito primoroso, muito bonito. Então assim, ainda bem. Nós temos o [Bruno] Takashy, temos tanta galera boa, do Paraná, de tudo quanto é lado. A gente tem que ter essa consciência. A gente tem que criar essa consciência de que nós estamos numa corrida de bastão e que chegou a nossa vez! A gente tem que fazer alguma coisa. Roberto Corrêa já se aposentou da Escola de Música. Quem vai continuar o trabalho de pesquisa do Roberto? O Marcos [Mesquita] também daqui um tempo vai aposentar da Escola de Música. Quem vai continuar pesquisando? Quem vai continuar revolucionando essa viola? É a pergunta que eu faço. Então nós, que estamos nesse barco, temos que ter essa consciência de que nós temos uma responsabilidade muito grande de delinear o que vai ser da viola no futuro. Quem serão os violeiros, essa cultura que a gente traz hoje do caipira, o que é ser o caipira? Como eu te falei, ser caipira é muito

mais do que o cara ser da roça. Tem gente que é da roça e não é caipira, não tem essa... Então a cultura caipira, o que é ser caipira é algo diferente, que na minha opinião não depende nem se o cara nasceu onde ele nasceu, entendeu? É uma coisa meio que de alma, meio de espírito, é uma coisa que vai além. É da essência do ser humano. Então você pode dizer que seria uma coisa comportamental, antes de qualquer coisa. Antes de ser: ah porque nasci no território de Minas, sou caipira. Nem sempre. *[Risos]*

Domingos: Você tem alguma música em homenagem a Brasília?

Claudivan: Não, não. Eu não sou um músico de ficar fazendo muita música em homenagem. Eu não sou. As minhas músicas... E também não sou um músico de fazer música muito territorial. Quando eu estava no Tocantins eu tinha uma discordância muito grande com a minha turma de lá, participava dos festivais e tal. E eu sempre fui - é um modo meu de ser, é uma forma de pensar. Naturalmente, respeito muito os meus colegas e admiro quem tem essa vertente e prioriza isso. No Tocantins, por exemplo, tem vários artistas que são fantásticos, mas eu vejo que a visão deles é muito localizada. E isso eu acho ruim. Eu acho, com a devida licença, eu acho um pouco pobre, entendeu? Então, eu não consigo pensar se você disser: "Claudivan, você pensa sua viola no contexto de Brasília?" Cara, sim, eu moro em Brasília, mas a minha viola é uma viola do mundo. Eu penso na minha viola tocando no Carnegie Hall em Nova Iorque, entendeu? Eu não sei, isso é uma coisa da minha cabeça. Não sei se vou ter essa oportunidade um dia. Mas eu trabalho com a viola de forma a estar preparado um dia se for preciso..., cara, pintou um show em Nova Iorque, você vai? Estou pronto, mas eu moro aqui. Entendeu? Então eu não consigo pensar: eu estou no Tocantins e o que vou fazer no Tocantins? Tem muitos amigos meus que fazem lá um festival. Eu fui a alguns festivais e alguma vez eu fiquei profundamente triste. Eu fiz uma baita música, uma baita letra, uma baita composição. Eu sou professor de letras, sou formado em letras. Então eu fiz, não desmerecendo os demais, mas eu fiz uma música muito ativa, uma música muito trabalhada... Aí quando eu chego lá, desclassificaram a minha música. Aí eu fui perguntar pra alguém que estava na coordenação e o cara disse: "Ah, você não leu o regulamento?" Falei: "Li o regulamento, mas qual o problema do regulamento?" "- Um dos principais itens do regulamento é que a música tem que representar a tocaninidade." Aí eu falei: "Meu amigo, me diga uma coisa: o que é representar a tocaninidade? É o quê? É falar de pipira? De papagaio? De buriti? De girassol? Porque se for isso estou fora." Entendeu? Mas eu sou do Tocantins. A tocaninidade de repente não pode ser algo complexo? Não pode ser uma linguagem diferente? Eu fiz uma música por exemplo, assim:

[Toca e canta a música "Atropelamento" de sua autoria:]

Na má flexão dos sujeitos

Está a razão dos defeitos

Desses dias anormais

A oração não é a mesma

Faltam vírgulas, falta nexos

Faltam termos essenciais

Claudivan: Uma coisa bem diferente, uma letra muito rica, tanto que essa música ela é estudada nas universidades do Tocantins, nos cursos de redação, de debate. Muitas vezes me procuraram e me falaram em curso de pós-graduação: “Cara, a gente estava discutindo a letra da sua música na aula.” Digo: “Que coisa, que bacana!” Aí vem um cara num regulamento e diz que a minha música não representa a tocaninidade. Aí eu te pergunto: as letras do Belchior representavam o quê? Ele não era um cara cearense? Mas o cara trazia uma poesia tão profunda, o cara trazia uma filosofia maravilhosa na música: *[Canta trecho e toca viola] Quando eu não tinha o olhar lacrimoso que hoje trago e tenho, quando adoçava o meu pranto e meu sono no bagaço de cana de engenho.* Quer dizer, uma coisa que vai muito além. Então isso me chateia, sabe? Então a minha música, a minha forma de compor nunca esteve presente, nunca esteve limitada à minha cidade, nunca esteve limitada ao Tocantins e não está limitada a Brasília. Tanto que hoje eu trouxe um disco novo agora que se chama Guerra dos Mundos, essa música que eu cantei primeiro, que é uma coisa doida, você pode dizer: “Ah, essa música não é caipira.” Mas na essência dela ela é. Entendeu? “- Ah, mas isso não é viola” *[Demonstra na viola]* Isso não é viola caipira? Não é tocar viola caipira? Entendeu? Aí as pessoas muitas vezes criam certos pré-conceitos sobre determinadas coisas e botam numa caixinha. E aí alguém que faz cultura, que devia trabalhar pra quebrar esses paradigmas, se sujeita àquilo. Aí o cara vai fazer uma música falando do Pequi Blues Ballad, aí vai o outro pra falar não sei o que do Passarim do Jalapão. Como te falei, eu respeito, mas eu acho isso tremendamente limitante pro artista. Aí o que acontece com o artista? O artista fica (preso) no estado, refém daqueles projetinhos culturais porque a rádio não toca música do cara. Não adianta, faz uma música lá falando *[Cantarola] O Rio Tocantins, o Rio Tocantins vai desembocar não sei aonde.* Não roda na rádio, cara! Então eu fico pensando, o artista quer fazer uma música pra ficar só pra ele? Só pro ego dele? Então eu não faço música assim. Então eu faço música que qualquer pessoa entenda. Eu fiz uma música, chama Linha do tempo *[Dedilha na viola]* Vou cantar um pouquinho dela:

[Toca viola e canta a música “Linha do tempo” de sua autoria:]

Lá onde se esconde o sorriso

À luz de um paraíso

Seres querendo voar

Lá há muito mais que esperança

Nos risos de simples crianças

Todas querendo sonhar

Claudivan: Refrão

Nada, nada mais há nesse mundo

Que não se perca em segundos

Na linha do tempo

Nada, nada mais há que infinito

A perpetuar nosso grito

Na linha do tempo

Até que ele se vá

Claudivan: A viola. *[Dedilha o final da música na viola]*

Domingos: Claudivan, o que você sente ao tocar viola?

Claudivan: Ah, prazer, cara! Prazer! Realização. Sentimento de alegria, de paz, sabe? Eu, lembrando daquela história do Gil, quando ele falou que não importava a plateia diante dele. Pra mim também é assim, eu procuro... Talvez alguém vai dizer: “pô, mas esse cara é extremamente egoísta!” Mas é meio que a visão egoísta, eu penso que se eu fizer algo que não me satisfaça eu não consigo satisfazer o outro. Eu não consigo fazer algo... Uma vez uma colega cantora que, tinha um monte de defeito, eu ajudei a corrigir algumas coisas. Aí ela chegou pra mim um dia falou assim: “olha, você pode ver aquele material meu e você fazer uma crítica, você pode?” Eu disse pra ela: “você quer uma crítica, você quer a verdade? Eu só posso te falar a verdade. Então não me peça pra dizer outra coisa, às vezes você pode ficar chateada.” Por que eu não vou dizer pra você que está bonito se eu não achei bonito? Me desculpe, eu tenho que ser honesto. Falei: “cara, isso aqui não ficou legal, você podia fazer assim.” Então, no meu trabalho também é isso. Então, quando eu toco viola, as pessoas sempre me dão esse *feedback*, sempre dizem isso: “Nossa, Claudivan! A gente sente que você faz com a alma, que você faz com amor tão grande, profundo.” Claro, meu irmão! Eu digo sempre, graças a Deus, Deus me deu outras habilidades, sou professor, eu podia estar dando aula em universidade, em escolas. Eu podia... sou radialista, sou jornalista, sou escritor, sabe? Tem tantas possibilidades graças a Deus de trabalho. Eu não precisava estar mexendo com viola, com música. Então, eu faço isso aqui por amor. Muito, muito por amor mesmo. Não é por retorno financeiro, até porque nunca tive muito retorno financeiro da música. Mas a paixão, a satisfação de fazer isso aqui, de pegar um instrumento, de tocar, não tem... *[Toca trecho instrumental na viola]* A viola preenche a alma da gente. Pra mim é isso. Às vezes eu vou pro meu estúdio, chego lá fico a manhã inteira tocando só eu e a viola.

Só eu e a viola. Toco pra mim. Saio de lá feliz. Então é algo que faz bem pra minha alma. E eu creio que ao fazer algo que satisfaz a minha alma esse fazer também satisfaz outras pessoas. Porque as pessoas percebem que você faz com a alma. É diferente. Isso tem um significado, muda tudo. Muda tudo. Muda tudo. E em tudo na vida existe isso. Tem uma pessoa que faz uma comida, fez a comida mais ou menos. Nossa, de repente a pessoa fez um arroz com um 'bife do olhão', que a gente fala: "Cara, parece que é o melhor bife do mundo, sabe?" Tem um ingrediente ali que é o amor, é a paixão, é a forma com que a pessoa fez. "Nossa! Fulano de tal fez um café tão gostoso! Nossa, percebeu?" E muitas vezes você vai a outro lugar você come uma coisa, a comida não tem uma essência, não tem... Então, tudo na vida é como diz a própria Bíblia, a palavra de Deus fala isso: ainda que eu falasse a língua dos anjos e dos homens...imagina você poder falar a linguagem dos anjos? Mas se não houver amor... não é? *[Risos]* *[Dedilha a viola e canta]: Ainda que eu falasse a língua dos anjos e falasse a língua dos homens, sem amor eu nada seria.* Pode tocar Legião na viola? Claro que pode, meu irmão, não tem barreira, a viola não... *[Risos]*

Domingos: Gostaria de tocar mais alguma música pra gente, Claudivan?

Claudivan: *[Afina a viola]* Vou tocar uma música que tem um significado muito grande pra mim... essa música é outra música que tem aquela inspiração das raízes... que eu coloquei nesse disco do prêmio de 2013, que se chama "A experiência." "A experiência" é uma história que meu avô me contava. Meu avô tinha essa linha mística que vinha dos pais dele. Então, meu avô também, desde criança, já tinha experiências espirituais, já começou a ver coisas, aparecer coisas pra ele. E aí a gente conversava muito e ele falava muito dessas questões do poder da oração, do poder da reza, do corpo fechado, um monte de coisa. E ele contava uma história que ele morava no interior do Piauí e ele tinha um tio que era muito evoluído nessas questões, e esse tio, pelo que ele contava, era meio empautado, tinha uma pauta com o capeta, sei lá. Que ele disse assim: "meu filho, esse meu tio dormia aqui e amanhecia trinta, quarenta quilômetros (de distância), no dia seguinte." Naquela época não tinha carro no interior do Piauí. Quem tinha carro? Pobre não tinha carro, andava em lombo de jumento, como é que se ia a trinta, quarenta, cinquenta quilômetros de distância? Então ele parece que andava no tempo. Meu avô dizia que ele viajava no tempo. E um dia - meu avô tinha por volta de acho que nove pra onze anos de idade, o apelido dele era Tutinha - ele chamou meu avô e falou: "Tutinha, eu quero te levar acolá pra te ensinar um negócio." E meu avô não sabia de nada, e foi lá com ele. Aí, chegaram lá numa área assim de uma estrada, pararam lá, e esse tio... se chamava Felipe, irmão da mãe dele... começou a rezar, falar em voz alta, oração, orando, orando, orando e a coisa foi... E meu avô começou a sentir um negócio estranho nele. Menino! Começou a sentir um negócio estranho, começou que parece que tinha um negócio que ia entrar nele, e o tio dele rezando. O tio dele rezando cada vez mais alto. Aí ele começou a perceber que o movimento vinha lá do alto, do infinito, pra baixar nele. E ele começou a ficar com medo, e o tio dele na oração e cada vez mais orando e rezando e fazendo aquelas invocações e falando alto como se estivesse falando com uma pessoa, tal, conversando e naquelas palavras repetidas, aqueles trem. Meu avô

disse que começou assim, o chão, lá era areião, ele disse que começou a ficar aquelas manchas, tipo argolas de cavalo que são douradas, daquelas selas de arreio de cavalo, não tem aquelas argolas? Então o chão ficou todo repleto daquelas patacas tipo, no chão, a gente chama de pataca. Como se fosse pataca de fogo no chão. Aí meu avô começou a ficar com medo. E sem o tio dele falar nada pra ele, ele tinha certeza de que aquele trem ia entrar nele e ele, ó... vazou no mundo, deixou (o tio sozinho). E aí meu pai terminou de me contar essa história depois de meu avô falecido. E eu estava um dia no meu apartamento na Asa Norte com a outra viola. Meus filhos estavam com um e dois anos brincando no chão, e eu estava lá tocando minha violinha, brincando. De repente a inspiração veio. Aí eu corri pra minha esposa: “meu bem, pelo amor de Deus, traz pra mim uma caneta e um papel aqui agora!” Porque a música veio pronta, cara! Veio tudo. Parece que foi uma psicografia. E a minha esposa fica puta com isso porque ela é evangélica, ela fica zangada quando eu falo: “meu bem, essa música baixou, assim!” [Risos] mas a música baixou, cara, literalmente. Te falo de coração, a música baixou! Eu fiz a música e foi ali, eu peguei a viola, tal, tal, pronta a música. E nunca mudei uma vírgula dessa música. Chama-se a experiência. A poesia diz [Recita]: *ainda menino, no auge da inocência, pra fazer uma experiência o preto velho me chamou. Prum grande encontro no meio da encruzilhada com a verdade decantada nos tempos do meu avô. Teria tudo: riqueza, sabedoria, me tornaria invencível e com eterna proteção. Bastava apenas aceitar a divindade e incluir sua verdade no coração. Ele falava num gestual esquisito como se visse alguém. Palavras negras saíam da sua boca e um coral de vozes roucas respondia do além.* Que era aquela sensação do meu avô de que ele tinha uma legião, um bloco lá de cima que estava subindo. Então é um negócio meio brabo e a música ficou assim, vamos lá:

[Toca viola e canta a música “A experiência”, de sua autoria:]

Ainda menino no auge da inocência

Pra fazer uma experiência um Preto Velho me chamou

Prum grande encontro no meio da encruzilhada

Com a verdade decantada nos tempos do meu avô

Teria tudo: riqueza, sabedoria

Me tornaria invencível com eterna proteção

Bastava apenas aceitar a divindade

E incluir sua verdade no coração

Ê, Preto Velho

Me diga qual é

Ê, Preto Velho

Me diga qual é

Eu não ando por essa estrada

Não abandono a minha fé

Eu não ando por essa estrada

Não abandono a minha fé

Ele falava olhando pro infinito

Num gestual esquisito como se visse alguém

Palavras negras saíam de sua boca

E um coral de vozes roucas respondia do além

Na terra vi sombras de argolas douradas

E no alto a divindade preparando a invasão

Suava frio, minhas pernas tremulavam

E os anjos de Deus me davam a proteção

Ê, Preto Velho

Me diga qual é

Ê, Preto Velho

Me diga qual é

Eu não ando por essa estrada

Não abandono a minha fé

Eu não ando por essa estrada

Não abandono a minha fé

Sentindo perto aquela força maldita

Inclinei minha cabeça e com o poder da oração

Repreendi a legião dos encantados

Por Preto Velho chamados até o chão

*Foi um suplício, o tempo fechou de repente
Só ouvia ranger de dentes e gritos desesperados
E o Preto Velho então perdeu a consciência
Quando viu que a experiência tinha dado errado*

Ê, Preto Velho

Me diga qual é

Ê, Preto Velho

Me diga qual é

Eu não ando por essa estrada

Não abandono a minha fé

Eu não ando por essa estrada

Não abandono a minha fé

Ê, Preto Velho

Me diga qual é

Ê, Preto velho

Me diga qual é

Eu não ando por essa estrada

Não abandono a minha fé

Eu não ando por essa estrada

Não abandono a minha fé

Claudivan: “A experiência.” [Risos]

Domingos: Se você fosse uma música qual seria?

Claudivan: Talvez uma música que não seja minha, pode ser? Uma música que eu gosto muito e que simboliza, que eu tenho um prazer muito grande de cantar é uma música do Renato Teixeira que se chama “Amizade sincera.” Essa música pra mim é... E todas naturalmente do Almir [Sater], do Renato e de outros cantores, mas a “Amizade sincera” é uma música que simboliza tudo que eu falei [*Dedilha a viola*] da viola. Da amizade sincera, que é um santo remédio, é um porto seguro. É natural da amizade, o amor, o abraço, o

aperto de mão, o sorriso. Por isso se for preciso conte comigo amigo, disponha. É uma letra... é isso, sabe? Acho que a gente está aqui nesse mundo por algum motivo, a gente não está aqui para trabalhar, comprar um carro, andar. O carro, o dinheiro, o material é algo que é pra suprir a gente, mas isso não deve nos consumir. Nós é que devemos consumi-los, eles não a nós. Não, a gente não pode ser escravo disso. Então eu acho que a mensagem maior que tem essa música é justamente isso...

[Toca na viola a música "Amizade sincera", de autoria de Renato Teixeira]

A amizade sincera é um santo remédio, é um abrigo seguro

É natural da amizade um abraço, um aperto de mão, um sorriso

Por isso se for preciso conte comigo, amigo, disponha

Lembre-se sempre que mesmo modesta minha casa será sempre sua

Amigo

Os verdadeiros amigos do peito, de fé, os maiores amigos

Não trazem dentro da boca palavras fingidas ou falsas histórias

Sabem entender o silêncio e manter a presença mesmo quando ausentes

Por isso sempre... Não há nada melhor do que um grande amigo

Por isso se for preciso conte comigo amigo, disponha

Lembre-se sempre que mesmo modesta minha casa será sempre sua

Amigo

Os verdadeiros amigos do peito, de fé, os melhores amigos

Não trazem dentro da boca palavras fingidas ou falsas histórias

Sabem entender o silêncio e manter a presença mesmo quando ausentes

Por isso sempre não há nada melhor do que um grande amigo

Amigo

Amigo

Claudivan: Mais linda do que essa música, Deus me livre! Eu acho ela muito bacana, ela tem uma força muito grande. E uma simplicidade muito grande. Eu acho que isso poderia resumir o que é o ser humano. A minha casa, minha modesta casa será sempre sua. Cara! Você vai na roça, você vai no interior a pessoa te deixa tão à vontade na casa dela, pode ser uma

casinha de palha que tem um banco de madeira, você pode dormir numa rede. Mas quando a pessoa diz: a minha casa é sua, fica à vontade, você se sente assim, o rei. Às vezes dentro de uma tapera, numa casinha de pau-a-pique.

Domingos: E nos grandes centros urbanos acontece isso também?

Claudivan: Acontece, acontece! Eu sou otimista em relação ao ser humano. Porque muitas vezes a gente tem uma tendência a pensar que hoje em dia as pessoas não têm mais esses sentimentos, mas têm sim. Infelizmente, a gente não entende por que as pessoas, o ser humano tem, eu diria uma curiosidade imensa pelo que é trágico. Então, a mídia vende o que é trágico porque as pessoas consomem o que é trágico. Se você tiver uma matéria hoje que diz assim: “Um carro passou ali agora e matou uma família, cinco de uma vez, no Eixão”. Cara, aquilo vai ser notícia em tudo quanto é canal, e é notícia do dia e as pessoas estão lá olhando e na rede social: “- olha o que aconteceu!”. Outro passa pra rede social: “olha o fulano, tal!” E vira uma coisa. Então a gente tem uma falsa ideia, uma falsa sensação de que o mundo virou um território de coisa ruim, de pessoas ruins. O cara que mata o filho, o que estuprou o sobrinho, o enteado, outro que matou a mulher... então, por quê? Porque isso que está na mídia é o que as pessoas consomem. Quando – e há muitos exemplos - a maioria é de gente boa. Existem muitas pessoas de bom coração. Só que primeiro: as pessoas de bom coração, as pessoas humildes, as pessoas que verdadeiramente são humanas, elas não se preocupam em aparecer. Elas não se preocupam em mostrar. Elas não estão preocupadas em ter. Elas estão preocupadas em ser. Primeiramente pra elas. É uma satisfação pessoal. Quantos milionários fazem doações, fazem trabalhos maravilhosos de ação social e você não vê uma linha? Porque às vezes o cara não quer mostrar. Enquanto que outros idiotas aí sobem num caixote e já querem fazer uma desgraça. Então a gente pensa que o mundo é assim. Então, existe a pessoa boa em qualquer tempo, e ela vai sempre existir. Existe sempre em qualquer lugar e a gente tem pessoas muito boas. Tem pessoas muito boas em qualquer parte do mundo, do menor ao maior, do mais rico ao mais pobre, do mais desenvolvido ao menos desenvolvido. Isso é uma característica do ser humano que não vai mudar. Na minha opinião não vai mudar.

Domingos: E o que é memória?

Claudivan: Memória. Memória, o que eu poderia dizer? Memória é a estrada. Quando eu olho pra trás, eu vejo uma estrada. Eu fico às vezes pensando numa imagem. Se você pudesse pegar o filme da sua vida, como antigamente a gente tinha as máquinas de filmes, as fotográficas. Hoje é digital, mas antigamente você tinha aqueles filmes nos quadrinhos. Aqui você vê as fotos. Nossa, fez trinta fotos! Aqui estou com fulano de tal. Então estou aqui, mas imagina, na linha do tempo eu estou aqui com a minha avó. Na linha do tempo, estou aqui na inconsciência da criança, de bebê, etc. E aí vai, e aqui atrás o que está? Aqui atrás, está a existência do meu pai, da minha mãe, da história de vida deles. Então muitas vezes as pessoas até acham que é uma frieza quando eu falo de determinadas coisas em relação à morte, por exemplo. Eu, desde criança, fui uma pessoa que foi colocada diante da morte,

porque primeiro a minha avó tinha por prática ir no velório de todo mundo que morava na redondeza, e eu era o companheiro dela. Então a gente passava a noite vendo defunto. E lá eles diziam: “Olha, você sabia que você pode ver a alma do defunto, do que morreu?”. Eu falava: “não, pode?” “- Pode. Você vai lá no defunto, você passa o dedo no olho dele, tira o restinho de lágrima que tiver e você passa nos olhos, então você passa a ver ele ali.” E eu, criança ficava: “Meu Deus do céu. Será que tem alguém que tem coragem de fazer isso?” E ficava a noite todinha, aquelas senhoras rezando, aquela tristeza. Sabe, então... Aí hoje em dia, quando eu olho pra trás que eu vejo pessoas minhas que morreram, pessoas que foram criadas comigo, meu irmão de criação morreu há dois anos atrás, o Geraldo, que era quem me carregava no colo, que a gente ia pra roça trabalhar junto. De repente o Geraldo morreu. Aí eu olho meu primo, outro também que era um irmãozão meu, falo cara! Outra, fulana de tal. E quando eu era criança minha avó dizia: “Meu filho, um dia sua mãezinha vai fechar os olhos pra nunca mais abrir.” Eu deitado no colo dela. E aí eu chorava: “Não, mas eu não quero... a senhora não vai morrer pra mim. No dia que a senhora for morrer eu vou falar com Deus e vou dizer: Deus, eu quero morrer e a senhora não vai morrer”. Eu pensava comigo isso. Coisa de criança, não é? E aquilo foi, foi, foi, quando minha avó faleceu, algum tempo antes que eu já via que ela estava bem velhinha e eu morava distante dela, quase não tinha tempo de vê-la...comecei a falar com Deus, pedir que Deus me preparasse. Falei assim: “Me prepara pra morte da minha avó. Eu preciso estar preparado. Eu sei que a qualquer momento ela vai (partir)”. Ela e meu avô. Mas o meu apego a ela era muito grande, era algo assim sobrenatural. E aí eu dizia: Me prepara pra isso. Não estou preparado. Me ajuda! Eu sei que eu vou passar por isso. Mas eu quero estar preparado”. Mas, por mais que você pense, você não está preparado pra morte. Ninguém está preparado. E aí o mundo acabou. Aquela coisa... Aí depois eu fui começando a ter uma consciência de que aquela visão que eu tinha quando criança era uma visão extremamente egoísta, não é? *[Risos]* Quer dizer assim, uma visão muito... é como se eu quisesse mexer na ordem natural das coisas de Deus, na ordem da vida pra dizer: não, não, agora a senhora vai viver. Isso é o que acontece com uma árvore, com um girassol, com todas as plantas. Ela, a planta, cresce, produz...tal, produz sementes, aí tem as arvorezinhas pequenininhas, e chega o momento dela sair de cena. Quer dizer, isso é aquele passar do bastão, que eu te falei. A vida é um eterno passar do bastão. Você está sempre passando o bastão. Então é isso. Então hoje quando eu falo pras pessoas: “Ah! Fulano de tal morreu”. Morreu? Nossa, Graças a Deus! Deus cumpriu a vontade dele. Porque Deus dá... às vezes tem um a quem Deus dá quinze anos, a outro cinco, a outro trinta, tem outro que tem 102, tem gente que ganha 120, cara! Aí ninguém sabe o porquê disso. Só sabe que a gente não tem controle de nada sobre isso. Ninguém tem controle sobre vida e a morte, sobre a existência. Então a memória é isso. Pra mim a memória é essa estrada. A estrada que eu percorro é minha memória, porque ela me acompanha toda vida, em todos os momentos. Então, quando eu olho pra trás, falo: cara, eu passei isso! Quando eu passo uma dificuldade muito grande, falo: meu Deus, por que estou passando isso? Quando você está no meio da tempestade, você não se dá conta do que você está passando. Quando a coisa passa, você respira, e parece que você recobra a consciência.

Eu fiz uma música que eu convido as pessoas a pesquisarem um dia. Ela se chama “Ritos da estrada.” Ela é uma música muito grande, a letra é tão grande, ela é baseada naquela poesia de cordel nordestina, que eu fui incentivado pelo meu avô desde cedo, com onze anos a ler muitas (poesias), fazia rodas de pessoas na casa do meu avô. Eu ficava lendo aquela poesia nordestina agalopada, aqueles poemas martelados. Eu tenho uma poesia que eu lia pro meu avô, um romance, que é aqueles livretinhos. O nome do livro... a gente deve ter por aí ainda: “Quem ama mulher casada, não tem a vida segura.” A poesia diz assim:

Mato fechado tem olho

E parede tem ouvido,

Da mulher que tem marido

Essa porta tem ferrolho,

Tem veneno e tem abrolho

É um mal que não tem cura,

Infeliz da criatura

Que cai na miséria depravada,

Quem ama mulher casada

Não tem a vida segura.

Claudivan: [Risos] Então, as estrofes todas terminam com essas duas frases: *Quem ama mulher casada, não tem a vida segura*. Os nordestinos gostam dessa poesia ritmada e no final sempre repetir uma espécie de refrão. E aí. [Dedilha a viola] Eu fiz essa música, deixa eu ver se lembro dela...

[Toca viola e canta a música “Ritos da estrada”, de sua autoria:]

Há dias em que às vezes me sinto distante

Desapercebido das coisas de então

Claudivan: É uma letra tão profunda que eu não consigo de cara. Ela é muito grande, é muita letra, é muita... Mas é uma viagem espiritual. Essa pode ser uma ideia de memória, entendeu? Tem um primo meu que é espírita no Tocantins que falou: “Cara, você não tem consciência, mas essa música é uma viagem espiritual.” [Recita] *Por vezes me entrego nessa viagem com a aura de um mágico aventureiro a rumar para o desconhecido com entusiasmo, em busca de um não sei que raro e soberbo. A letra é mais ou menos isso. É de uma poesia que se faz alma de uma alma impura que não sabe o ermo, uma coisa assim. Quando retorno dessa viagem atípica, o vapor dos sonhos me cobre a face, a luz da vida me devolve a*

consciência, como que numa esperança tosca de que eu me ache. É quando recobro a força dos sentidos... E aí vai... É uma coisa muito profunda. E é a minha poesia. A minha poesia é uma coisa essencialmente espiritual. Então eu faço música por uma necessidade de botar algo pra fora. Muitas vezes eu começo a fazer uma música e às vezes não tenho a noção do que vai sair. Começo a música, e de repente sai uma palavra da minha boca, e eu não sei o significado daquilo. Por que essa palavra saiu? Vou lá no dicionário... caramba! Era essa a palavra. Eu não sei o que é isso, sinceramente. Como compositor eu não sei explicar isso. [Risos] Só sei que sai! [Risos]

Domingos: E o que é a vida?

Claudivan: A vida, a vida é uma boa pergunta, a vida é uma experiência fantástica. A vida é... Eu acho que a vida não tem como você definir o que é uma vida. Eu não consigo definir vida. Porque a vida é de uma profundidade tão grande. Eu fico às vezes me perguntando... eu fiz uma música no disco de 2016, que o Sérgio Reis gravou comigo, que é também uma viagem muito louca, chama-se “Estrela do tempo”. E são coisas que me acontecem que eu não sei (o porquê). Desde criança, quando eu morava na roça, eu tenho uma ideia na cabeça. Eu vejo uma serra, um monte muito grande, cheio de árvores, tal. E uma estradinha de terra com pedras. E naquele sonho eu preciso subir e no alto tem uma estrela. Eu não sei que estrela é essa. Desde criança essa imagem me acompanha. Em 2016 eu trabalhava com um deputado do Paraná. Estava na janela do gabinete, lá do quinto andar da Câmara dos Deputados, olhando o horizonte, na linha do aeroporto...porque lá não tem antena, não tem (torre de) televisão, não tem nada metálico. Porque não pode ter antenas altas, nada, caixa d’água, nada. De repente, onze da manhã, eu vi uma luz, como se fosse um sol. Como se tivesse um sol lá em cima e lá embaixo tinha outro sol. Brilhante, a coisa mais louca do mundo. Aí eu chamei uns colegas, mostrei, fotografei, inclusive mandei para um amigo de um jornal, publicou as fotos. E, a princípio, eu achei que fosse um helicóptero voando. Depois eu falei: “Deve ser uma caixa d’água, mas ali não tem caixa d’água! Eu vejo todo dia, estou aqui há anos não vejo nada aí”. E aquela luz ficou. Ela permaneceu de onze (horas) e doze (minutos) até mais ou menos onze e quarenta (da manhã). Era uma luz forte e ela ficou na mesma posição a mais ou menos isso aqui (mostra tamanho de 1 metro) de altura. Ela não se moveu pra cá (esquerda), nem pra cá (direita), nem pra cima, nem pra baixo, nem pra lugar nenhum, nada. Ela ficou ali até desaparecer. E não arredei um milímetro. E aí quando fui fazer o disco de 2016, eu estava um dia na roça e veio essa música. Eu tinha assistido a um documentário sobre planetas, sobre essas coisas que eu gosto muito de Universo, essa coisa de outros universos, eu sou fissurado nisso.... Ciência, essas coisas assim.... Astronomia... acho fantástico. E aí, naquele mergulho, naquela imensidão das estrelas de repente veio a ideia dessa música. E quando fui pro estúdio - e eu arranjei o disco todo - o disco estava todo pronto. E falei: “Vou deixar essa música - que era música de trabalho – por último”. E no dia que eu fui pro estúdio peguei os instrumentos umas quatro da tarde, e não saía nada. Não saía nada! Ideia nenhuma. Aí eu comecei a ficar encabulado. Falei: “Caramba, como é que vou fazer essa música? Não vem ideia nenhuma”. Eu tentava fazer uma linha de arranjo, vou

começar aqui... Não vinha nenhum arranjo, nada, nada. Aí deu cinco horas, cinco e meia, seis horas, e eu lá sozinho no estúdio. Deu sete da noite, nada. Falei: “Agora lascou! Como vou fazer essa música? O disco está pronto e a música que eu quero que seja música de trabalho não vai sair”. Aí eu parei! Parei, me desliguei de tudo, dei um tempo, respirei, e aí comecei a orar, comecei a falar com Deus. Eu gosto, sempre tive muito essa prática de falar com meu Deus, eu não sei te dizer: “Ah, é o Deus da igreja tal.” Da igreja não, eu tenho Deus, o meu Deus está lá no alto, o criador de tudo. Eu comecei a falar com ele em voz alta. Falar, falar mesmo. “Ô, Senhor, quero fazer essa música, me ajuda, me dê inspiração, abra as comportas do céu, abra aí tudo que há de mais belo que é a música, todos os dons estão aí. O Senhor tem todos os dons, o Senhor tem todas as músicas, todas as melodias vêm de Ti, eu sou apenas um canal, me ajuda”! Cara, impressionante, meu irmão! Terminei de fazer aquela oração, aquela coisa, convicta, eu baixei (a cabeça) e saiu tudo. Eu gravei uma linha de contrabaixo (eu não sou baixista, mas gravei), que eu não consegui refazê-la depois, de tão bom que ficou na primeira vez. Então é muito doido isso. Essa que é assim, olha...

[Toca viola e canta a música “Estrela do tempo” de sua autoria:]

O cavalo corre no campo

O peixe corre no mar

A noite é puro encanto

O dia é prata no ar

Eu vou subir até tocar o céu

E milhões de estrelas abraçar

Vou desnudar o mundo sob o véu

E mil peregrinos libertar

Eu vou nadar no campo

Eu vou correr no mar

Vou mergulhar no encanto

No encanto que é sonhar

Claudivan: Chama-se “Estrela do tempo”, é uma inspiração também bem profunda.

Domingos: Se você fosse dar um conselho pros violeiros que estão começando sua carreira como músico ou começando o caminho da viola qual seria sua mensagem?

Claudivan: Primeira coisa que eu diria pra quem quer ser violeiro é buscar a humildade. Eu acho que a humildade é a principal característica de uma pessoa pra tudo na vida. Mas pra

viola, essencialmente a humildade. A humildade porque é aquilo que eu falo sempre pros meus amigos. A gente não é nada. A gente não sabe nada. Tudo nesse mundo é apenas emprestado pra gente temporariamente. O tempo nos é emprestado, nós não somos donos do tempo, eu não sou dono dessa viola. O Renato Andrade não era dono da viola dele. Tanto que passou pra frente, não é? Então nós não somos donos nem do nosso corpo! Nem do nosso corpo a gente é dono. Então a gente tem que pensar assim: o que eu sou? Eu sou uma energia. Eu me defino como uma energia transitória. Eu gosto de ver assim. Até já pensei muito em fazer um curso de filosofia, porque eu penso muito na filosofia. Eu acho que a filosofia, os grandes pensadores, Platão, Aristóteles, esses caras... por que esses caras marcaram época? Traçaram um panorama do que é a visão mundial e influenciam até hoje, vão continuar influenciando acho que pro resto da existência. Porque eles paravam, eles pensavam, eles buscavam a essência do que é mais simples. O que é o nosso ser. Ser ou não ser, eis a questão! Entendeu? Se eu penso, logo existo. Quer dizer, aquela ideia de que se há uma energia em funcionamento, quer dizer... Então, é o que eu digo pra quem quer ser violeiro: primeiro, é ter muita humildade, é se esforçar para fazer o melhor. Não pra ser o melhor, mas pra fazer o seu melhor. Pra ser o que você puder fazer pra você ser o melhor de você mesmo, não entre os outros. Eu participava de festivais de música no Tocantins. Participei, ganhei duas vezes o maior festival do Tocantins junto com um amigo, interpretando músicas minhas. E depois de um certo tempo, quando eu gravei meu primeiro disco eu desisti de festivais. Até hoje me perguntam: “Nossa, Claudivan, por que você não vai no Festival lá de não sei onde, de Minas, pô, lá vai ter premiação bacana?” E eu respondo: “cara, eu não quero ser melhor do que ninguém, mas eu tenho um trabalho, eu tenho uma proposta, eu tenho uma mensagem.” Pra eu ficar disputando com alguém... primeiro que eu não gosto de disputa. Porque quando você disputa, parece que você fica medindo: “Olha, o Domingos toca mais do que o Claudivan. Não, naquela música lá...o Roberto toca mais”. Cara, acho que são coisas mínimas. Cada um é único. Os professores de viola falam... *[Demonstra na viola]* Todo mundo toca o pagode de viola, mas o pagode de viola que você toca é diferente, cada um toca do seu jeito. A técnica pode ser a mesma mão, o batido, o rasqueado, o ataque aqui. Mas cada um faz de um jeito, porque é essência. Cara, você é único. Então o que eu digo ao violeiro: cara, procura ser você! Procura ser autêntico! Procura ser humilde! Procura estudar! Faz as suas coisas com sinceridade! Faça com amor! Não faça pra se exibir, não faça pra... sabe, pra pousar de bom, entendeu? E pensar qual é o seu legado, por que você está tocando viola? Por que você toca viola? Então, faça por uma razão. Seja pra você. “Não, eu quero ganhar dinheiro com viola, vou fazer uma viola aqui no ritmo de funk porque eu quero ganhar dinheiro!” Ótimo, cara! Eu aprendi uma coisa muito bacana que eu recomendo pras pessoas é: nunca desmereça a outra pessoa. Nunca tire o valor da outra pessoa. As pessoas chegam: “Ah, o Pablllo Vittar não faz música!”. Faz cara! Ele faz a música dele, irmão! Respeite isso! Ele tem capacidades que eu não tenho. Ele tem dons que eu não tenho. Por que eu preciso diminuir o cara se eu não gosto da música, ou se acho que a música dele é feia. O conceito de feio é muito relativo. Você encontra aqui uma mulher ou um rapaz numa festa e eu olho: “Que mulher feia!” Aí vem um cara e olha: “Meu

Deus, que mulher bonita, maravilhosa, essa é a mulher da minha vida"! Então isso é relativo. O artista, seja ele violeiro, mas principalmente no meio da viola. No meio da viola as músicas mais antigas do Tião, eles falavam muito daquela questão da disputa de um violeiro. Um violeiro meia pataca, de falar do outro, aquela coisa assim. Então acho que a gente não deve levar isso por esse lado mais. Antigamente tinha aquela questão do cara fazer mandinga, o cara vai tocar numa roda de viola o outro vai lá só na mandinga torar, quebrar a corda do outro. Aí aprenderam a colocar o chocalho da cobra, diz que é pra quebrar qualquer encanto, qualquer maldade de alguém. Mas antigamente existia isso. Só que a gente não pode pensar mais nisso hoje em dia. O que te faz chegar a algum lugar ou não é o teu talento, meu irmão, é o seu trabalho. Então pensa assim: você é único. Até 2001, e apesar de eu ter cantado com meu pai no início da carreira tocando forró, tal, a gente não tinha um projeto de carreira. A gente não tinha um projeto de música como artista, de pensar, tocava pra ganhar o feijão. Então era: "Vai tocar lá porque tem que pagar as contas da semana, tem que comprar carne, essas coisas assim!". Era a roça nossa. Mas quando eu comecei a me dedicar à música eu sempre pensei num projeto Claudivan, independente de ser famoso ou não, cara, o que vou deixar? Qual é a minha mensagem? Qual é o conteúdo que eu levo? E eu não gostava de cantar porque eu tinha um preconceito com a minha voz, eu me escondia atrás de outras pessoas. Tinha um rapaz que cantava muito bem comigo, que até morreu. Que a gente ganhou festival, uma das melhores vozes que eu já ouvi. Cantei com uma outra moça que canta muito, uma professora maravilhosa, mas também que não quis se enveredar, não quis acreditar no próprio potencial. E aí chegou um dia que eu fui cantar num restaurante e ela não quis. Ela se recusou e disse: "Não vou porque nós não estamos mais nessa fase de ser avaliados, nós já passamos dessa fase." Eu não disse nada para não desagradá-la, mas eu pensei comigo: "Cara, que fase? Nós não somos famosos, nós não temos disco gravado, não estamos na parada de sucesso, não somos ninguém! Como que vou botar banca se ninguém nem me conhece?" Achei uma tremenda falta de humildade. Naquele momento eu falei: "Cara, então é o seguinte: eu não tenho a voz do Milton Nascimento, mas o Milton Nascimento não tem a minha voz. O Chico Buarque... da mesma forma, o Roberto..." Tem nego que odeia o Roberto Carlos. E tem gente que o idolatra, é a melhor voz do mundo. Mas eu pensei: vou fazer o meu. Isso aqui, humildemente te apresento isso, se agradar fico muito feliz, se não agradar, me desculpe. Isso é o que é o Claudivan. Musicalmente eu digo pra cada um: faça. Suba num palco, não se preocupe com ninguém, chega lá faz seu som, meu irmão! Faz o seu! Faça sua parte! Seja autêntico, seja honesto com o que você faz! A viola é um instrumento que merece respeito, a música brasileira merece respeito e a gente tem que ter muito respeito a isso, que é uma história. Se você pensar, são quinhentos e tantos anos, quase quinhentos anos de história no Brasil. Quantas mãos maravilhosas tocaram esse instrumento. Então a gente tem uma responsabilidade muito maior do que apenas ganhar um trocado ali na esquina.
